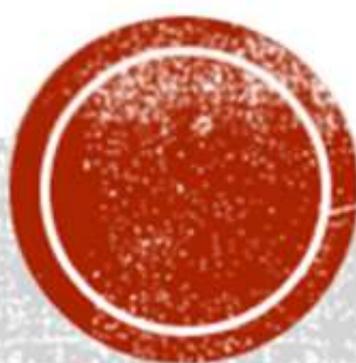


**O TEMPO
DEFINIDO DA
CHUVA SERÔDIA
À LUZ DO SANTUÁRIO**



Elias Thomé Zorub

ELIAS THOMÉ ZORUB

**O TEMPO DEFINIDO DA CHUVA SERÔDIA À LUZ DO
SANTUÁRIO**

Miriam Zorub
Adriana Zorub Fonte Feal
Ramiro Zorub Fonte Feal
Organizadores

O conteúdo desta obra é da autoria exclusiva de Elias Thomé Zorub, e protegida pela Lei 9.610/98, com os direitos autorais reservados.

O Tempo Definido da Chuva Serôdia à Luz do Santuário /
Autoria: Elias Thomé Zorub / Organização: Miriam Zorub,
Adriana Zorub Fonte Feal, Ramiro Zorub Fonte Feal

São Paulo, 2020.

Gráficos adaptados por Nelson de Oliveira Junior, Ramiro Zorub Fonte Feal e Bruna Escudeiro Fonte Feal.

É permitida a reprodução do texto e dos gráficos deste livro, desde que citada a fonte.

Reprodução para fins comerciais são proibidas.

"Pedi a Jeová chuva no tempo da chuva serôdia" - Zac. 10:1

*Rogo-vos pelo nome amado de nosso Senhor Jesus, que esta mensagem seja por vós lida,
meditada em oração e com espírito de humildade.*

*Estaremos habilitados a discernir a presente verdade e a decidir-nos por ela, se tivermos
recebido a unção do Espírito Santo. 1 João 2:20-27 e Apoc. 3:18.*

**Luz adicional a velhas verdades descobertas e respostas no
quadro da verdade em cumprimento à profecia de Ellen G.
White.**

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	06
APRESENTAÇÃO.....	07
CAPÍTULO I - O TEMPO CLARAMENTE DEFINIDO.....	10
CAPÍTULO II - A JUSTIÇA DE CRISTO E O SANTUÁRIO.....	16
CAPÍTULO III - O DIA DA EXPIAÇÃO E O SANTUÁRIO.....	18
CAPÍTULO IV - O DIA DO SENHOR.....	20
CAPÍTULO V - ACONTECIMENTOS TÍPICOS E ANTITÍPICOS.....	28
CAPÍTULO VI - O MINISTÉRIO DE CRISTO E A EXPIAÇÃO.....	32
CAPÍTULO VII - PERÍODO DE VINTE E QUATRO HORAS.....	38
CAPÍTULO VIII - O CUMPRIMENTO DAS FESTAS.....	43
CAPÍTULO IX - OBJEÇÕES REFUTADAS.....	49
CAPÍTULO X - EM BUSCA DA VERDADE.....	55
CAPÍTULO XI - AS FESTAS DO OUTONO EM NOSSOS DIAS.....	58
CAPÍTULO XII - A CHUVA SERÔDIA: CONCLUSÃO DA OBRA.....	61
A P Ê N D I C E.....	63
O AUTOR.....	66

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Deus criador do céu e da Terra, por nos dar o privilégio de participar da conclusão deste trabalho e por nos fazer vencer cada obstáculo. A Ele seja dada toda honra e toda glória;

Ao Israel Zorub, que dorme em Cristo, por nos ter ensinado com paciência, repetindo exaustivamente trechos bíblicos e das profecias de Ellen White, além do empenho e precisão na apresentação da mensagem que era brilhantemente exposta;

Ao Nelson de Oliveira Júnior e Maureen Zorub, colaboradores desta obra e estudiosos, disseminando esta mensagem nos Estados Unidos da América, onde residem;

À Bruna Escudeiro Fonte Feal, a quarta geração de Elias Thomé Zorub e filha de Ramiro Zorub Fonte Feal, pela participação na diagramação dos gráficos ao final dos respectivos capítulos;

Aos irmãos da nossa igreja Adventista do Sétimo Dia que conosco compartilham a experiência da divina mensagem da justificação pela fé e, conseqüentemente, a do tempo definido da chuva serôdia à luz do santuário, comprovando que os que se preparam e buscam com todo fervor e oração, serão visitados pelo Espírito Santo que os conduzirá a toda verdade.

Os Organizadores

APRESENTAÇÃO

“Luz adicional e velhas verdades deverão ser recuperadas e colocadas no quadro da verdade sob novas molduras”, de acordo com a Ellen White, Review and Herald, 3 de junho de 1890.

Nem toda a lei cerimonial se cumpriu na cruz. Será que foi por acaso que Jesus morreu na Páscoa, no ano e no dia especificados na profecia das 70 semanas, conforme o cerimonial mosaico do Capítulo 23 de Levítico, ou seja, no dia 14 do primeiro mês, do ano 31, às 3 horas da tarde? Não foi por acaso que Jesus morreu na Páscoa, ressuscitou nas Primícias, outorgou o Espírito Santo no Pentecostes e ainda principiou o juízo investigativo no dia da expiação, que em 1844, caiu em 22 de outubro. Ora, não pode ser por acaso que Jesus esperou 2300 anos para iniciar o juízo investigativo no próprio dia designado para este fim!

A grande esperança é que Jesus está intercedendo por você e por mim hoje, e em todos os dias, e que está julgando também os mortos no dia especificado para isso. Você e eu, vivos, só seremos julgados no último dia da graça. O que devemos fazer agora é confessar os nossos pecados e pedir perdão para alcançar a libertação.

Vamos acompanhar Cristo no Santuário Celestial executando seus dois trabalhos: intercedendo por nós e julgando os que morreram na fé. Jesus começa o julgamento pela igreja para que ela esteja pronta, sem mácula e ruga, preparada para a Sua vinda.

Você sabia que há dois sábados especiais para observar, conforme a mensagem do primeiro anjo? Apoc. 14:6 e 7: *"E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, a as fontes das águas"*. Este se refere ao sábado semanal que guardamos. É muito importante também observar o outro lado da questão: *"Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo"*. A hora do juízo se refere ao dia da expiação, que é o nosso sábado anual. O dia da expiação funciona como uma bússola, nos orientando e guiando para dentro do santuário com Jesus, assim como o navegante é guiado pela bússola no imenso mar.

Assim como Jesus começou o processo do juízo investigativo no dia da expiação, Ele deve continuar o Seu trabalho de julgamento somente neste dia específico, até que este processo, qual seja, a purificação do santuário, chegue ao seu final, com o fechamento da porta da graça que, obviamente, ocorrerá na repetição da data. Assim foi com as outras festas; os judeus guardaram todas as festas que se referiam à primeira vinda de Cristo por mais de 1400 anos.

Na repetição da data, ou seja, em uma delas, Jesus cumpriu seu propósito. Por isso que Ellen White, após ter explanado a origem do nosso movimento e apresentado o cumprimento das profecias típicas referentes ao primeiro advento, no livro O Grande Conflito, diz: *"De igual modo, os tipos que se referem ao segundo advento – Trombetas,*

Expição e Tabernáculos – *devem cumprir-se não somente quanto ao evento, mas também quanto ao tempo designado no culto simbólico*".

Não há fundamento bíblico para que um dia estipulado de 24 horas, por lei, o dia da expiação, tipifique um período indefinido de tempo, que principiou no dia 22 de outubro de 1844 e terminará com o fechamento da porta da graça, assim que os vivos sejam julgados. Não foi por acaso que Jesus mandou Moisés avisar a Aarão para que "não entre no santuário em todo o tempo para dentro do véu, diante do propiciatório para que não morra".

Alguém poderia dizer, seriamente, que Jesus cumprirá Sua obra de expiação em qualquer tempo à revelia do culto simbólico e contradizer Seus atos, Suas próprias profecias quanto ao tempo designado no culto simbólico? O próprio Cristo, se referindo às leis cerimoniais que ensinam sobre o plano da redenção disse: "que nem um jota nem um til se omitirão da lei até que tudo se cumpra".

O ponto prático é que aquele que não acompanha Cristo em seu santuário não pode se beneficiar do mesmo. Vejam que os discípulos tiveram "sua semana de oração de dez dias" para se preparar para o derramamento da chuva temporã. Jesus disse aos discípulos que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai.

Os discípulos já sabiam que o Pentecostes estava se aproximando e que a cruz era o fundamento para o cumprimento da lei mosaica, portanto eles oraram unânimes durante aqueles dez dias. Do quadragésimo dia da ressurreição de Cristo, quando Ele subiu para os céus, até o quinquagésimo dia, ou seja, o dia de Pentecostes, foi quando, efetivamente, os discípulos receberam a chuva temporã, cumprindo-se a festa. Isto está relatado em Atos capítulo 1 e 2 e Lucas 24.

Agora, da mesma maneira, temos "a semana de dez dias" como os discípulos, os tempos de refrigério, apropriado para uma semana de oração para consagração, amor e outorga de poder para levar a cabo o evangelho. No ritual do santuário, doutrina que Deus incumbiu aos Adventistas para pregarem ao mundo, encontramos o tempo de refrigério. "Semana de Dez Dias" para purificação, autoexame, consagração e justificação pela fé.

A cada ano, a partir de 1844, do primeiro dia do sétimo mês, dia das trombetas, ao décimo dia do sétimo mês, dia da expiação, está especificamente demarcado o tempo para a outorga de poder. Veja como o apóstolo Pedro coloca a questão do apagar do pecado (purificação do santuário) com os tempos de refrigério. Atos 3:19: "*Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor*". Zacarias 10:1 diz: "*Pedi chuva no tempo da chuva serôdia*".

Guilherme Miller estabeleceu o ano para a purificação do Santuário.

Samuel Snow explicou que assim como as festas típicas da primavera foram cumpridas em todos os pormenores, inclusive quanto ao tempo, o dia da expiação ocorreria, como de fato ocorreu, no dia especificado no culto simbólico, 22 de outubro, naquele ano de 1844.

Hiram Edson descobriu que Jesus entrou no santíssimo, pela primeira vez, conforme Daniel 7: 9, 10, 13 e 14.

Ellen White confirmou que os tipos que se referem ao segundo advento devem cumprir-se não somente quanto ao evento, mas também quanto ao tempo especificado no culto simbólico.

Finalmente, Elias Zorub, primeiro Adventista árabe convertido, na ocasião professor de teologia e inglês em um instituto presbiteriano no Líbano, escreveu sobre os tipos do segundo advento, ou seja, trombetas, expiação e tabernáculos, mostrando o íntimo relacionamento entre a purificação do santuário e o derramamento da chuva serôdia.

Existe uma conexão entre o ano estabelecido no livro de Daniel e o dia especificado nos escritos de Moisés. Jesus explicou o seguinte: *"E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras"*. Lucas 24:27.

Do verso 44 em diante diz: *"São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: Que convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na lei de Moisés, nos profetas e nos salmos. Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as escrituras"*. E Jesus lhes disse: *"Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos"*. Portanto, Jesus morreu na Páscoa, sexta-feira, dia 14 do primeiro mês e ressuscitou nas Primícias, dia 16, na madrugada do domingo. Assim, como Deus disse "lembra-te do dia de sábado, Ele disse também *"lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo"*. Mal. 4:4.

Vamos acompanhar o trabalho de Jesus no santuário celestial acumulando sua função de juiz, de intercessor e pronunciar também a Sua benção sumo sacerdotal desde os céus para que o refrigério do Espírito Santo aconteça em nossas vidas.

Ellen White, Waggoner e Jones abordaram o assunto da justificação pela fé de uma maneira especial, para que pudéssemos compreender melhor o assunto deste livro.

Espero que os dons de Deus abençoem você e sua família.

Nelson de Oliveira Júnior

CAPÍTULO I

O TEMPO CLARAMENTE DEFINIDO

Diante da magnitude da vasta e gloriosa obra que deve ser arrematada com a anunciação do evangelho eterno a toda a nação, tribo, língua e povo, sentimos a nossa inteira falta de idoneidade para o desempenho dessa missão, quando olhamos para as nossas forças, nossos minguados recursos e limitado número de crentes.

A tríplice mensagem angélica de Apoc. 14 necessita, para ser levada a bom termo e ao triunfo final, de um poder sobrenatural.

Todo o poder prometido, mesmo o poder do Espírito Santo como de todas as suas hostes, se faz mister a fim de advertir eficazmente um mundo tombado no pecado, da vinda de Jesus, e reunir aqueles que guardam os mandamentos de Deus, e têm a fé de Jesus.

À plenitude do Espírito Santo prometida ao povo de Deus o profeta designa em linguagem figurada como a chuva serôdia¹.

A chuva temporã foi derramada sobre a primitiva igreja apostólica de acordo com a promessa de Jesus e a profecia dos profetas Joel², Isaías³ e João Batista⁴.

De modo semelhante, e com uma plenitude ainda mais ampla, a chuva serôdia há de ser derramada sobre a igreja remanescente. Porém, ainda que a igreja tenha cumprido as condições para receber a promessa e se congregue para esse fim sob a direção de espírito de profecia^{5 6 7}, o profeta Zacarias lhes faz esta advertência: "Pedi para vós chuva no tempo da chuva serôdia"⁸.

Somos chamados Adventistas, porque cremos e aguardamos o segundo advento de nosso Senhor Jesus Cristo. Estamos familiarizados com esse tema e o pregamos com

¹ Oséias 6:3: "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR; como a alva, a sua vinda é certa; e ele descerá sobre nós como chuva, como chuva serôdia que rega a terra".

² Joel 2:23: "Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no SENHOR, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia".

³ Isaías 44:3: "Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes".

⁴ Mateus 3:11: "Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo".

⁵ Joel 1:14: "Promulgai um santo jejum, convocai uma assembleia solene, congregai os anciãos, totós os moradores desta terra, para a Casa do SENHOR, vosso Deus, e clamai ao SENHOR".

⁶ Joel 2:1: "Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do SENHOR vem, já está próximo".

⁷ Joel 2: 15-17: "Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum, proclamai uma assembleia solene. Congregai o povo, santificai a congregação, ajuntai os anciãos, reuni os filhinhos e os que mamam; saia o noivo de sua recâmara, e a noiva, do seu aposento. Chorem os sacerdotes, ministros do SENHOR, entre o pórtico e o altar, e orem: Poupa o teu povo, ó SENHOR, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Por que hão de dizer entre os povos: Onde está o seu Deus?"

⁸ Zacarias 10:1: "Pedi ao SENHOR chuva no tempo das chuvas serôdias, ao SENHOR, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um, erva no campo".

veemência porque nos identificamos com ele. Porém, a verdade, não faremos jus ao nome de verdadeiros Adventistas se não crermos e aguardarmos o segundo advento do Espírito Santo na forma de chuva serôdia.

É recebendo o Espírito Santo em toda a sua plenitude que estaremos preparados para o segundo advento Daquele a quem ansiosamente esperamos, e que poderemos com razão ser Adventistas do Sétimo Dia, porque estaremos de fato preparados para a Sua vinda em nosso tempo. Aqueles que julgam necessário um novo movimento de reforma na igreja e estão no desejo de promovê-lo, deveriam esperar, em primeiro lugar, receber o Espírito Santo sob a forma de chuva serôdia. Batizados pelo único Espírito num único corpo, eles saberão como conduzir uma verdadeira reforma. Ouçamos, pois, e obedeçamos ao preceito do profeta: "Pedi para vós chuva no tempo da chuva serôdia" (op. cit.).

O derramamento do Espírito Santo nos dias dos apóstolos foi a chuva temporã e o seu resultado foi glorioso. A chuva serôdia, porém, deverá ser ainda mais abundante.⁹ A Sra. White comenta como segue o texto e a citada passagem do profeta Joel 2:23. Esse derramamento do Espírito comparado à descida da chuva serôdia e é por mais por este poder que os cristãos devem enviar suas petições ao Senhor da seara no tempo da chuva serôdia. Em resposta o Senhor fará brilhantes nuvens, dando-lhes chuveiros abundantes. Ele fará descer a chuva, a chuva temporã e a serôdia quer dizer, o Espírito Santo em medida dobrada ou em sua plenitude¹⁰.

Nosso venerável irmão presbítero A. S. Daniells, num artigo para leituras da semana de oração (1929), referindo-se a essa passagem do profeta Zacarias, disse: "*Há um tempo definido, fixado para a chuva serôdia*". *Chegando esse tempo o povo de Deus deve pedir para si essa chuva e a todo aquele que pedir assistirá o direito de participar dela*". Daí se evidencia que tanto a Sra. White como o irmão Daniells, admitem que há um tempo definido para a chuva serôdia, dentro do qual cumpre suplicá-la. É o que se compreende do texto profético.

É pena que Ellen G. White não houvesse revelado de um modo preciso esse tempo tão importante e necessário aos cristãos. Vem aqui a pergunta: Por que ela deixou de o fazer? A resposta é simples: Não tinha no seu tempo luz sobre este assunto, porque o povo não estava em condições de compreender e de receber essa luz.

Cumpria receber primeiro, para sua vida e experiência, a luz sobre a justiça pela fé, de modo a ser por ela também dirigida a santificação convenientemente preparada para buscar ao Senhor ao tempo próprio da chuva serôdia, porque o único caminho para obter o poder do Espírito Santo é estar justificado pela fé.

Por isso essa luz foi dada oportunamente por ocasião da conferência geral em 1888, combinada com a questão presente. Houve, entretanto, muita discussão sobre esse assunto e nem todos os representantes do movimento admitiram logo essa luz, que gradualmente foi

⁹ "O derramamento do Espírito nos dias dos apóstolos foi a "chuva temporã", e glorioso foi o resultado. A chuva serôdia será mais abundante, porém. Qual é a promessa para os que vivem nos últimos dias?" WHITE, Ellen G. – Testemunhos Seletos, Vol. VIII, Capítulo 3: Poder Prometido, 2006, pág. 28 – Centro White. <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Testemunhos%20para%20a%20Igreja%208.pdf>

¹⁰ "Ao avizinhar-se o fim da ceifa da Terra, uma especial concessão de graça espiritual é prometida a fim de preparar a igreja para a vinda do Filho do homem. Esse derramamento do Espírito é comparado com a queda da chuva serôdia; é por esse poder adicional que os cristãos devem fazer suas petições ao Senhor da seara "no tempo da chuva serôdia". Em resposta, "o Senhor, que faz os relâmpagos lhes dará chuveiro de água". (Zacarias 10:1). "Ele...fará descer a chuva, a temporã, no primeiro mês (Joel 2:23)". WHITE, Ellen G. – Atos dos Apóstolos – Capítulo 5: O dom do Espírito, 2007, pág. 36 - Centro White. <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Atos%20dos%20Ap%C3%83%C2%B3stolos.pdf>

sendo recebida e ainda pregada como uma doutrina, uma simples teoria e não como uma experiência viva.

Eis o motivo porque esta questão ficou encoberta ao nosso povo do passado; porque não andaram na luz que receberam. Assim, é necessário reunir as citações que se seguem, bem como o que o Espírito Santo revelou a Ellen G. White no tocante à presente verdade, como será claramente exposto neste estudo.

O revista *Review and Herald*, diz: “O povo ainda não entrou, pela fé, ao tempo devido no santo lugar (nome que compreende ambos os compartimentos do santuário), onde Jesus entrou a fim de fazer expiação pelos seus filhos”¹¹. E continua: “Há verdades velhas em si, mas não obstante são novas, que deverão ser trazidas e adicionadas ao tesouro de nosso conhecimento...Cristo faz ricas promessas com relação à dádiva do Espírito Santo para a sua igreja, mas quão pouco essas promessas têm sido apreciadas!”¹²

Ao tentar despertar o povo para o sentimento do seu alto privilégio, o periódico *Review and Herald* de 1 de Abril do mesmo ano, diz: “Perguntamos: Não será tempo do povo de Deus receber nova luz?”¹³ E continua: “Se pela graça de Cristo o seu povo se houver tornado em odres novos Ele os encherá de vinho novo”¹⁴. “Deus acrescentará luz adicional e velhas verdades serão recuperadas e colocadas de novo no quadro da verdade”¹⁵.

Estas inspirações nenhuma relação têm com verdades já reveladas em tempos anteriores, nem com a mensagem da justiça pela fé que veio antes, mas tinham aplicação no futuro quando a justiça pela fé foi anunciada no passado. Os seguintes fatos o demonstram claramente:

1º) Veio dois anos antes destas revelações serem anunciadas. Ela fora dada na conferência de Mineápolis em 1888 e aquelas em várias ocasiões do ano 1890.

2º) A doutrina da justificação pela fé não representava uma luz nova, e nas passagens acima ela nos fala de luz nova, “luz adicional”, verdades novas.

Leia o que ela diz a respeito: “Os obreiros na causa do Mestre não deviam apresentar a justiça de Cristo obtida pela fé, como uma luz nova, mas como uma luz preciosa, que durante algum tempo tinha sido perdida de vista da parte do povo”¹⁶.

¹¹ “The people have not entered into the holy place, where Jesus has gone to make an atonement for his children”. (*Review and Herald*, 25 de fevereiro de 1890, parte 1 - <https://m.egwwritings.org/it/book/821.10259#10260>).

¹² “There are old, yet new truths still to be added to the treasures of our knowledge. We do not understand or exercise faith as we should. Christ has made rich promises in regard to bestowing the Holy Spirit upon his church and yet how little promises are appreciated”. (op. cit.)

¹³ “We inquire, Is it not time that fresh light should come to the people of God, to awaken them to greater earnestness and zeal?”. (*Review and Herald*, 1º de abril de 1890, parte 7 - <https://m.egwwritings.org/it/book/821.10332#10342>)

¹⁴ “Se pela graça de Cristo, Seu povo se tornar em odres novos, Ele os encherá de vinho novo”. (WHITE, Ellen G., *O Desejado de Todas as Nações*, Capítulo 28: Levi Mateus, 2007, pág. 230 <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O%20Desejado%20de%20Todas%20as%20Na%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es.pdf>)

¹⁵ “He has light that is new to us, and yet it is precious old light that is to shine forth from the world of truth. We have only the glimmerings of the rays of the light that is yet to come to us. We are not making the most of the light which the Lord has already given us, and thus we fail to receive the increased light; we do not walk in light already shed upon us”. (*Review and Herald*, 03 de junho de 1890, parte 2 - <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.10462#10468>)

¹⁶ “Laborers in the cause of truth should present the righteousness of Christ, not as a new light, but as a precious light that has for a time been lost sight of by the people”. (*Review and Herald*, 20 de março de 1894, parte 2 - <https://m.egwwritings.org/it/book/821.13394#13400>)

Vemos, claramente, que ela se refere a pontos da verdade que ainda não haviam sido descobertos e que não lhe foram revelados. Estas revelações, concebidas em termos proféticos, dadas em várias ocasiões, ela as anuncia com relação ao tempo do derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia, conforme acima mencionado. Tudo isso devia ser no futuro e é forçoso concluir, pois, que o tempo da chuva serôdia faz parte dessa luz adicional e nova, que deveria ser acrescentada ao tesouro de nosso conhecimento doutrinário, juntamente com velhas verdades que seriam descobertas e colocadas no novo quadro. Verdades estas que foram conhecidas e observadas em tempos passados, mas que foram esquecidas, ficando o seu lugar vazio no quadro onde deverão ser colocadas novamente.

Tudo isso será demonstrado conforme é ensinado na Bíblia e mencionado nos escritos de Ellen G. White.

Antes de nos aprofundarmos a fim de demonstrar este fato, cabe dizer que pouco valor terá para o povo de Deus suplicar a chuva serôdia fora de tempo, porque jamais ela será outorgada.

Por esta razão, é de máxima importância para o crente conhecer o tempo definido da chuva serôdia, pois qualquer esforço, reunião ou obra empreendidos para esse fim, serão frustrados se não forem obedecidas as instruções do profeta de Deus, que manda pedir a chuva no tempo da chuva serôdia. Os apóstolos tiveram um tempo definido para obtenção da chuva temporã e durante esse tempo eles procuraram preencher todos os requisitos e condições, ficando na expectativa durante o espaço de dez dias desde o dia da ascensão de Cristo até o dia de Pentecostes.

Quando chegou o dia que eles observaram conforme a lei, o Espírito Santo desceu sobre eles com grande poder como está escrito no capítulo 2 de Atos dos Apóstolos. Analogamente, devemos ter um tempo para o recebimento da chuva serôdia, porque o propósito, em ambos os casos, é o mesmo: o recebimento do Espírito Santo, o qual necessariamente deve realizar-se em idênticas condições. Todos nós estamos ansiosos por saber o tempo definido para o recebimento da chuva serôdia em nossos dias. Quando será esse tempo? Há quem pense que esse tempo ocorreu quando a doutrina da justificação pela fé foi revelada ao povo de Deus. A estes desejamos perguntar: Porventura o povo, ao receber a doutrina da justificação pela fé, reconheceu ser esse o tempo da chuva serôdia? Se reconheceu, buscou ele obter a chuva serôdia naquele tempo? Recebeu ele a promessa? Se recebeu, todos os dons do Espírito devem estar manifestos e representados entre esse povo, de acordo com o que lemos em Joel 2:28¹⁷ e I Cor. 4-7¹⁸. Qual é a mudança que se operou nesse povo em virtude dessa chuva e qual a semelhança que ele oferece com a primeira igreja de Pentecostes e tempos subsequentes? Falaram os crentes em línguas como em sinal do derramamento do Espírito Santo?^{19 20 21}

Graças a Deus pela mudança antecipada no estado espiritual do seu povo ao tempo do refrigério, como se vê das passagens anteriormente citadas e como se acha afirmado nos

¹⁷ Joel 2:28. “E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão e vossos jovens terão visões”.

¹⁸ I Coríntios 4:7: “Pois quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?”.

¹⁹ Atos 2:4: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”.

²⁰ Atos 10:45 e 46: “E os fieis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo. Pois os ouviram falando em línguas e engrandecendo a Deus”.

²¹ Atos 19:16: “E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles, subjugando a todos, e, de tal modo prevaleceu contra eles, que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa”.

escritos de Ellen White²² ²³. Tudo será futuramente cumprido à letra. Se, pois, compreendermos a questão do tempo, não seremos iludidos, nem continuaremos satisfeitos em nossa pobreza espiritual, imaginando estar ricos. Mas com isto não temos ainda declarado o tempo definido da chuva serôdia. É um fato reconhecido que a chuva serôdia se destina particularmente à última igreja e, portanto, ao tempo do fim que começou no ano de 1844 visto que a igreja deve de ser despertada e preparada por essa chuva para o segundo advento do Senhor²⁴.

Uma importante profecia de Ellen White, a qual nos traz até o tempo atual, nos mostra, ainda que e de modo indefinido, qual seja esse tempo da chuva serôdia. No livro Primeiros Escritos ela diz: *“No começo do tempo da tribulação nos tornamos cheios do Espírito Santo”*²⁵ E explica: *“O começo do tempo da tribulação aí mencionado não se refere ao tempo em que as pragas começarão a ser derramadas, mas a um breve período de tempo que precede aquele, estando Cristo ainda no santuário. Nesse tempo em que a obra da salvação estará prestes a terminar, ocorrerão graves perturbações na terra e as nações se tornarão iradas; serão porém, contidas no seu ímpeto a fim de não causarem embaraços a obra do terceiro anjo. Nesse tempo terá lugar a chuva serôdia ou o refrigério pela presença do Senhor, a fim de comunicar virtude a alta voz do terceiro anjo e preparar os santos para que possam subsistir quando as sete pragas deverão ser derramadas sobre a terra”*²⁶.

Ao meditar e confrontar nas declarações acima com o estado das coisas que estamos presenciando hoje, verifica-se que estamos justamente no começo desse curto período de tempo, em que estão se dando essas perturbações, não só entre as nações, como dentro das nações.

²² “Ouvi os que estavam revestidos da armadura falar sobre a verdade com grande poder. Isto produzia efeito. Muitos tinham sido amarrados; algumas mulheres pelos maridos, e crianças por seus pais. Os sinceros, que tinham sido impedidos de ouvir a verdade, agora avidamente a ela aderiam. Foram-se todo o receio de seus parentes, e somente a verdade lhes parecia sublime. Haviam estado com fome e sede da verdade; esta lhes era mais querida e preciosa do que a vida. Perguntei o que havia operado esta grande mudança. Um anjo respondeu: “Foi a chuva serôdia, o refrigério pela presença do Senhor, o alto clamor do terceiro anjo”. (WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 65: A Sacudidura, pág. 271 – EGW Books – Casa Publicadora Brasileira – <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/269/272/a-sacudidura>)

²³ “A terceira mensagem deveria fazer sua obra; todos deveriam ser provados por meio dela, e os que são preciosos deveriam ser chamados das corporações religiosas. Um poder compulsivo movia os sinceros, enquanto a manifestação do poder de Deus trazia temor e repreensão aos parentes e amigos incrédulos, de modo que não ousavam embaraçar os que sentiam a obra do Espírito de Deus sobre si, e tampouco tinham poder para fazê-lo. A última chamada foi levada aos pobres escravos, e os que eram piedosos entre eles derramaram seus cânticos de arrebatadora alegria ante a perspectiva de sua feliz libertação. Seus senhores não os podiam impedir, o medo e o espanto os conservavam em silêncio. Grandes prodígios eram operados, doentes eram curados, e sinais e maravilhas seguiam os crentes. Deus estava na obra, e cada santo, sem temer as consequências, seguia as convicções de sua própria consciência e unia-se aos guardadores de todos os mandamentos de Deus; e com poder proclamaram amplamente a terceira mensagem. Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia-noite”. (op. cit. pág. 278).

²⁴ Daniel 8:14 e 17: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs, e o santuário será purificado. Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim”.

²⁵ WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 3: Visões Subsequentes – pág. 33 – EGW Books – Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/32/35/visoes-subsequentes>

²⁶ WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 22: Explicação – págs. 85 e 86 – EGW Books – Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/85/96/explicacao>

As nações estão iradas, mas são refreadas para que a obra da salvação prossiga para seu fim. Sem dúvida é chegado o tempo da chuva serôdia, porque é num tempo como esse que Ellen White diz: “nos tornamos cheios do Espírito Santo”. Não obstante a sua linguagem profética determinar de um modo aproximado o tempo exato dessa chuva serôdia, ela não consegue defini-lo senão de um modo geral, sem precisar o tempo exato dentro do qual essa chuva terá lugar a descer, e chamar-lhe vagamente "um breve período". Resta-nos, pois, descobrir dentro desse curto período o tempo exato no qual cumpre aguardar e suplicar a chuva prometida, e se for possível, conhecer o dia e ano determinado desse grandioso acontecimento, como sucedeu na chuva temporã, no dia de Pentecostes, na igreja primitiva. Se conseguirmos saber isto pela palavra de Deus, estarão satisfeitos os nossos anelos quanto ao que nos é necessário saber para os devidos fins.

Um estudo acurado e consciencioso do santuário e de seu serviço desbravará o caminho para a descoberta desse tempo importante.

CAPÍTULO II

A JUSTIÇA DE CRISTO E O SANTUÁRIO

São expressivas e insistentes as palavras de Ellen White para com o povo de Deus a fim de que estude tão relevante assunto. Diz ela: *“O assunto do santuário e do juízo de investigação, deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam, para si mesmos, ter conhecimento sobre a posição e obra do seu grande sumo sacerdote. Aliás, ser-lhes-á impossível exercer a fé que é essencial neste tempo ou ocupar a posição que Deus lhes deseja confiar. Cada um há de defrontar face a face o grande Juiz. Quão importante é pois, que todos contemplem muitas vezes a cena solene em que o juízo se assentará e os livros se abrirão, e em que, juntamente com Daniel, cada pessoa deve estar na sua sorte, nos fim dos dias!”*.²⁷

Como Deus concentrou a atenção do antigo Israel no santuário terrestre, assim Ele tem concentrado a atenção dos verdadeiros Adventistas no santuário celestial, visto que nem sempre nem todos lhe dão a devida atenção que Ele reclama ao presente. É assim que viremos a especificar esta verdade e a compreendê-la sob a direção do espírito de profecia, de modo a ver claro o caminho que nos deve conduzir ao nosso objetivo.

A serva do Senhor disse também na revista *Review and Herald*: *“O tempo da prova está iminente, porque o alto clamor do terceiro anjo já começou na revelação da justiça de Cristo, o Redentor perdoador dos pecados. É este o início do clarão difundido pelo anjo cuja glória há de encher a terra”*.²⁸

No livro “Primeiros Escritos”, Ellen White, referindo-se à mudança operada na vida espiritual do povo de Deus diz: *“Perguntei o que havia operado esta grande mudança. Um anjo respondeu: Foi a chuva serôdia, o refrigério pela presença do Senhor, o alto clamor do terceiro anjo”*.²⁹ Essas citações deixam claro que o tempo da chuva serôdia, que é o tempo do refrigério pela presença do Senhor, se relaciona com a mensagem de Apocalipse 18, o tempo do alto clamor que se iniciou com a revelação da justiça de Cristo, como o Redentor que perdoa os pecados.

Em outras palavras, essas citações se referem ao tempo da chuva serôdia quando o povo de Deus será justificado ou perdoado definitivamente, imputando-lhe a justiça pela fé em Cristo como o perdoador dos pecados. Daí vê-se também, conforme mencionado, que o tempo da chuva serôdia começa desde que Jesus haja de aplicar ou imputar Sua justiça ao seu povo arrependido no juízo, quando seus casos individuais forem legalmente investigados bem como perdoados os seus pecados.

²⁷ WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 28: O Grande Juízo Investigativo – pág. 488 – Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/479/491/o-grande-juizo-investigativo>

²⁸ “The time of test is just upo nus, for the loud cry of the third angel has already begun in the revelation of the righteousness of Christ, the sin-pardoning Redeemer. This is the beginning of the light of the angel whose glory shall fill whole Earth”. (Review and Herald, 22 de novembro de 1892 – parte 7 – <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.12320#12329>)

²⁹ WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 65: A Sacudidura – pág. 271 – Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/269/272/a-sacudidura>

Sabemos que o perdão pode ser obtido pela fé, mediante arrependimento e confissão dos pecados, mas não se tornará efetivo pela justiça de Cristo sem julgamento prévio. No julgamento, o caso de cada crente será submetido a exame, a começar do justo Abel até o último crente morto. Então o julgamento passará aos vivos, quando Jesus, como nosso Juiz, houver julgado o caso dos crentes já falecidos.^{30 31}

Após o julgamento do último crente morto, Jesus, nosso Juiz, passará a julgar os crentes vivos, os quais não serão julgados antes de serem providos de tudo que seja necessário para o seu aperfeiçoamento e revestidos de poder para finalizar a obra de Deus na terra. É o que esperamos por meio da chuva serôdia. Os pecados dos que permanecerem fiéis até o fim, serão apagados, registrando-se o seu perdão definitivo como os que são considerados legalmente justos.

É este todo o sentido, a parte principal do tempo da "prova" que ora está iminente, e no qual se fará ouvir o alto clamor, não como uma obra apenas incipiente, mas poderosa, graças à chuva serôdia e ao refrigério que vem da presença do Senhor. Isto ocorrerá quando Jesus extinguir os pecados de seu povo pelos Seus merecimentos, imputando-lhes a Sua justiça e derramar o seu espírito sobre os vivos antes que venha a sua vez de ser julgados, até o final selamento com a perfeição espiritual dos 144.000, como o Israel de Deus.^{32 33}

Todas as condições de perdão estarão cumpridas, e todos os pecados perdoados serão extintos com a última prova.

Está, portanto, claro que o tempo da chuva serôdia ou do refrigério, que vem da presença do Senhor, é o tempo em que serão apagados os pecados dos crentes penitentes no juízo de investigação.³⁴

³⁰ Gênesis 18:25: “Longe de ti o fazeres tal coisa, matares o justo com o ímpio como se o justo fosse igual ao ímpio; longe de ti. Não fará justiça o juiz de toda a terra?”

³¹ João 5:22: “E o Pai a ninguém julga, mas ao Filho confiou todo o julgamento”.

³² Apocalipse 7:2 e 3: “Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiquéis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na fronte os servos do nosso Deus”.

³³ Apocalipse 14:5: “e não se achou mentira na sua boca; não têm mancha”.

³⁴ Atos 3:19 e 20: “Arrependei-vos, pois, e convertei-vos para serem cancelados os vossos pecados a fim de que, da presença do Senhor, venham tempos de refrigério”.

CAPÍTULO III

O DIA DA EXPIAÇÃO E O SANTUÁRIO

O irmão W. H. Branson consignou em seu folheto sobre a purificação do Santuário e o dia da expiação, o seguinte: “*Será ao tempo do refrigério, que é o derramamento da chuva serôdia, que terá lugar a extinção dos pecados*”.³⁵

Prossigamos o exame da palavra de Deus, a fim de descobrir a revelação do tempo exato para esta chuva, porque as revelações de Ellen White, que declaram iminente esse tempo, ainda não o definem precisamente conforme ele se encontra em outra parte da Bíblia.

Porém, Ellen White fala num sentido geral, advertindo ao povo que deve estudar as escrituras à luz dos ensinamentos do Santuário, a fim de compreender quando o tempo exato que foi fixado tenha chegado, para que nele supliquem a chuva serôdia. Consideremos um pouco a passagem em Sofonias 2:1-2.³⁶ Ao ler esta passagem atentamente é possível concluir que a chuva serôdia terá lugar antes de sair o decreto e isto é verdade, pois o decreto sairá no dia da terminação da prova humana. Por isso a nação que não tem pudor e está destituída do poder do Espírito Santo é exortada a congregar-se para receber a chuva prometida antes que saia o decreto de Apocalipse 22:11³⁷, e antes que seja julgada.

Sabemos que esse decreto sairá ao terminar o julgamento da casa de Deus, conforme revelado em Apocalipse 14:7.³⁸ A hora aí mencionada não é uma hora profética, parte de um dia profético que representa um ano; tampouco algum período de tempo mais ou menos longo, mas sim uma hora literal, a primeira hora do dia em que o juízo de investigação teve o seu início.

Essa expressão revela a primeira hora do respectivo dia, que tem aplicação ao começo do julgamento, e não a um período de tempo indefinido. Todo aquele que desconhecer o ponto de partida dessa mensagem do primeiro anjo, desconhecerá o lugar onde deverá lançar sua âncora, bem como o compasso e o remo do barco no caminho para a cidade celestial.

A frase “vinda é a hora do seu juízo” foi consignada pelo apóstolo João no pergaminho cerca do ano 60 D.C. e foi assim lida desde então. Não poderia, entretanto, aplicar-se à hora inicial de dia algum desde aquele tempo até o dia 22 de outubro de 1844. Essa hora também marca o início do tempo periódico do julgamento, não podendo ser aplicada à hora nenhuma nem a dia nenhum depois disso. Se não houver alguma luz adicional, a fim de iluminar o nosso caminho ajudando-nos a compreender que essa hora e esse dia podem repetir-se “porque o juízo não terminou no mesmo dia em que começou”,

³⁵ BRANSON, W. H. – The Atonement in the Light of God’s Sanctuaries – Chapter 4: Shadows of the Cross Abolished – Pacific Press Publishing Association, 1935, pag. 29 - <https://pt.scribd.com/document/48765010/The-Atonement-in-the-Light-of-God-s-Sanctuaries-Wh-Branson>

³⁶ Sofonias 2:1 e 2: “Concentra-te e examina-te, ó nação que não tens pudor, antes que saia o decreto, pois o dia se vai como a palha; antes que venha sobre ti o furor da ira do Senhor, sim, antes que venha sobre ti a ira do Senhor”.

³⁷ Apocalipse 22:11: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se”.

³⁸ Apocalipse 14:7: “‘Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque vinda é a hora do seu juízo’”.

perderemos a noção do ponto de partida, pois se assinala na mesma data de ano em ano até a terminação do juízo investigativo.

Graças a Deus, essa luz nos foi dada por Deus, de sorte que por ela podemos ver claro o nosso caminho até o fim do tempo da prova. Não podemos aplicá-la a qualquer outra data desse período sem especialização alguma no que diz respeito lei e a profecia. Se o fizermos, exorbitaremos do que está regulado por lei e do limite marcante da própria profecia, perdendo-nos no oceano infinito do tempo.

Alguém perguntará: Porventura há um dia marcado para o juízo de investigação? Certamente há, e isto é o que queremos agora provar. Alguém poderá objetar, que a hora do juízo aí mencionada abrange um período indefinido, socorrendo-se de passagens como João 5:38-39³⁹, para apoiar essa ideia. Nós responderemos que a hora mencionada por Jesus nessa passagem significa igualmente uma hora literal, que por sua vez se repete, porque a ressurreição, tanto a primeira como a segunda, não é um acontecimento que demande maior espaço de tempo, assim como para a transformação dos crentes vivos na vinda do Senhor, não será necessário mais tempo do que está compreendido num abrir e fechar de olhos.

³⁹ João 6:38 e 39: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: Que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia”.

CAPÍTULO IV

O DIA DO SENHOR

Quando a Bíblia fala em “Dia do Senhor”, alguns entendem como um longo período de tempo ou como alegado por um dirigente em conferência pública, que o dia do Senhor começa ao cabo do tempo da prova, terminando no fim do milênio.

Sugerimos ao caro leitor que acompanhe as leituras bíblicas conforme as referências abaixo, visto que tais se encarregam de definir a expressão Dia do Senhor.^{40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50} Ao meditar nestas passagens compreendemos que o dia do Senhor foi assim chamado pelas razões seguintes:

⁴⁰ I Tessalonicenses 5:2-4: “Pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o Dia do Senhor vem como ladrão de noite. Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhe sobrevirá repentina destruição, como vêm as dores de parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão. Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse Dia como ladrão vos apanhe de surpresa”.

⁴¹ I Coríntios 1:8: “o qual também vos confirmará até o fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo”.

⁴² Lucas 21:34-36: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço. Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda terra. Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem”.

⁴³ Mateus 24:36: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai”.

⁴⁴ Marcos 13:32: “Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos do céu, nem o Filho, senão o Pai”.

⁴⁵ II Pedro 3:12: “esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão”.

⁴⁶ Joel 2:1-11: “Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão! Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. A frente dele vai fogo devorador, atrás, chama que abrasa; diante dele, a terra é como o jardim do Éden; mas, atrás dele, um deserto assolado. Nada lhe escapa. A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm. Estrondeando como carros, vêm, saltando pelos cimos dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram o restolho, como um povo poderoso posto em ordem de combate. Diante deles, tremem os povos; todos os rostos empalidecem. Correm como valentes; como homens de guerra, sobem muros; e cada um vai no seu caminho e não se desvia da sua fileira. Não empurram uns aos outros, cada um segue o seu rumo; arremetem contra lanças e não se detêm no seu caminho. Assaltam a cidade, correm pelos muros, sobem às casas; pelas janelas entram como ladrão. Diante deles, treme a terra e o céu se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. O Senhor levanta vós diante do seu exército porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque é poderoso quem executa as suas ordens; sim, grande é o Dia do Senhor e mui terrível! Quem o poderá suportar?”.

⁴⁷ Apocalipse 9:15-17: “Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens. O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número. Assim, nesta visão, contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saía fogo, fumaça e enxofre”.

⁴⁸ Apocalipse 16:14: “Porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso”.

⁴⁹ Malaquias 4:5: “Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor”.

⁵⁰ Sofonias 1:14-18: “Está perto o grande Dia do Senhor; está perto e muito se apressa. Atenção! O Dia do Senhor é amargo, e nele clama até o homem poderoso. Aquele dia é dia de indignação, de angústia e dia de alvoroço e desolação, dia de

1 – Porque Deus, o Pai, não revelou esse dia à criatura alguma, mas conservou-o em Sua própria autoridade; Ele é o único que o conhece porque foram determinados por Ele não só o dia, mas também a hora. Ninguém pode retardá-los nem adiantá-los no quadrante do tempo. Ao povo de Deus compete somente aplicar-se seriamente ao cumprimento de seus deveres em tempo até aquele dia. Assim foi em relação ao tempo da primeira vinda de Cristo. Ambas as vindas foram reveladas com tal aproximação, mas o dia e a hora permaneceram em segredo de Deus. Quando Jesus diz “ninguém sabe o dia nem a hora”, isto não se aplica ao tempo que vai da determinação da graça até o juízo final, e sim ao dia preciso de Sua vinda, como Ele o anunciou, designando-o também pela expressão “o dia e a hora”.

2 – Porque o Senhor vem nesse dia com todas as suas hostes a fim de tomar o que é Seu. Ele ressuscitará os mortos e transformará os vivos num abrir e fechar de olhos. Isto não pode significar um espaço de tempo longo ou um período de mil anos.

3 – Porque nesse dia o Senhor virá como ladrão, isto é, de modo imprevisto, de sorte que não escaparão os ímpios, sendo castigados e subitamente destruídos. A palavra "dia" aqui especificada, não pode significar um período longo ou indefinido de tempo. Finalmente, em todas as passagens acima citadas, a palavra “dia” se aplica em seu sentido próprio e literal.

É verdade que importantes acontecimentos desenrolar-se-ão antes e depois do grande e terrível dia do Senhor, especialmente no que diz respeito ao castigo determinado sobre os ímpios. Porém, esses acontecimentos, com suas calamidades terríveis que o mundo ainda não viu igual, culminar-se-ão ao mesmo dia de vinte e quatro horas.

Os ímpios vivos não de clamar aos montes e aos rochedos que caíam sobre eles e os ocultem da presença d’Aquele que está assentado sobre o trono, sendo então totalmente exterminados. Também este dia há de repetir-se na vinda do Senhor ao cabo dos mil anos. Esclarecido este ponto com relação ao dia do Senhor, poder-se-ia suscitar a questão acerca da origem da ideia segundo a qual o dia do Senhor começaria com o milênio e terminaria no juízo final.

A resposta seria:

- 1) Os acontecimentos que terão lugar na vinda do Senhor, não podem ocorrer todos no mesmo dia. Confunde-se geralmente o segundo advento de Cristo com o seu terceiro advento ao final do milênio.⁵¹ Esquecem-se os defensores dessa ideia de que o dia se repete com relação a todos os atos de Deus relativos a este mundo de impiedade.⁵²

escuridade e negrume, dia de nuvens e densas trevas, dia de trombeta e de rebate contra as cidades fortes e contra as torres altas. Trarei angústia sobre os homens, e eles andarão como cegos, porque pecaram contra o SENHOR; e o sangue deles se derramará como pó, e a sua carne será atirada como esterco. Nem a sua prata nem o seu ouro os poderão livrar no dia da indignação do SENHOR, mas, pelo fogo do seu zelo, a terra será consumida, porque, certamente, fará destruição total e repentina de todos os moradores da terra”.

⁵¹ Zacarias 14:4: “Naquele dia estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, para o oriente e para o ocidente, e haverá vale muito grande; metade do monte de apartará para o norte, e a outra metade, para o sul”.

⁵² II Pedro 3:11-13: “Visto que todas essas coisas não de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça”.

- 2) Essa ideia também é baseada na declaração do apóstolo Pedro que aponta que um dia é para o Senhor como mil anos, assim como mil anos como um dia.⁵³ O apóstolo está se referindo ao tempo como este se apresenta aos olhos de Deus para quem o tempo não existe, nem longo nem breve, pois todo o tempo para Deus é igual e presente.

O que Ele determinou sucederá ao seu tempo e o que parece distante aos olhos dos homens é o tempo próprio para que eles se arrependam. Eis o que significa essa declaração do apóstolo e nada mais.

Para o cálculo de alguns períodos proféticos, Deus forneceu a chave dizendo: “Deite um dia por um ano”. Não se encontra na Bíblia outra chave que nos autoriza a interpretar um dia ou um ano no sentido de um milênio. Por tais razões rejeitamos a ideia errônea de que o dia do Senhor represente um período de tempo de duração de mil anos. Vejamos o que nos diz Atos 17:30-31: “*Deus ordena a todos os homens e em todo o lugar que se arrependam, porque designou um dia em que há de julgar o mundo com justiça por aquele varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando dentre os mortos*”.

Quantos são os varões dentre os homens que Deus ordenou para este fim?

Há um só, Jesus Cristo homem. Deus designou também um dia para esse julgamento. Esse dia do julgamento é, sem dúvida, o dia do juízo de investigação⁵⁴, que não pode ser um dia em sentido profético, pois teve início em 22 de outubro 1844 e ainda não terminou. Para provar esse fato, é sabido que os ímpios hão de ser julgados durante os mil anos que decorrem depois da primeira ressurreição, conforme veremos adiante.

Esse dia, que Deus designou para tal fim, não pode ser um dia profético porque mais de cento e setenta e cinco anos são decorridos desde o começo do juízo de investigação em 1844, e não terminou ainda, quando o máximo que devia durar seria um ano, prevalecendo a interpretação “um dia é dado por um ano”. Também não podemos interpretar esse dia como um período indefinido, pois não há base na Bíblia para se tomar um dia nesse sentido, especialmente tratando-se de um dia determinado por lei. Não resta dúvida que a palavra “dia” é empregada também na Bíblia adverbialmente para designar tempo, como em Gênesis 2:4⁵⁵, mas isto não se dá com o dia designado para o juízo, que só pode ser um dia determinado.

Algumas denominações adaptaram a interpretação dos dias da criação como representando épocas indeterminadas, fundamento este que desconhecemos. Estão elas em flagrante contradição com a palavra de Deus que diz, claramente, que Deus fez os céus e a terra em seis dias, no preceito que ordena a observância do sétimo dia como dia de vinte e quatro horas; é como isto foi entendido na ocasião em que foi dado.

Importa, pois, discernir o sentido da palavra “dia”, se não queremos cair em confusão. Quando a Bíblia fala de um dia em relação com a lei, é claro que está se referindo a um dia

⁵³ II Pedro 3:8: “Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: Que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia”.

⁵⁴ “Antes de qualquer pessoa poder entrar nas mansões dos bem-aventurados, seu caso deverá ser investigado, e seu caráter e ações deverão passar em revista perante Deus. Todos serão julgados de acordo com as coisas escritas nos livros, e recompensados conforme tiverem sido as suas obras. Este juízo ocorre por ocasião da morte. Notai as palavras de Paulo: “Tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do Varão que destinou: e disto deu certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos”. Atos 17:31. Aqui o apóstolo terminantemente declara que um tempo específico, então no futuro, fora fixado para o juízo do mundo”. (WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 33: É o homem mortal? – pág. 548 – Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/531/550/e-o-homem-imortal?>)

⁵⁵ Gênesis 2:4: “Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando o Senhor Deus os criou”.

literal, e não no sentido de um ano ou de um período de tempo indefinido, que é o caso. Deus designou um dia para julgar o mundo, e esse dia é um dia literal de 24 horas, posto que repetido como foi na dispensação típica e com justa razão. Temos na Bíblia, ainda, uma outra passagem que fala em um dia em conexão com a lei que é a última parte de Zacarias 3:9: “*Tirarei os pecados desta terra num só dia*”. Sem dúvida que o profeta está se referindo com esta frase, a obra final de Cristo como nosso sumo sacerdote no Santuário celeste, a fim de remover os pecados julgando o caso de cada um dos fiéis. Nesse dia determinado, ele procederá à última parte de sua obra que é remover o pecado de Seu povo que está sobre a terra de uma só vez e em um só dia, purificando o Santuário pelos Seus merecimentos.

Logo nos surgem algumas perguntas: Quando será isto? Em que dia? Como é chamado este dia? Busquemos a resposta a cada uma destas questões. Em Daniel 8-14 temos as seguintes palavras como resposta dada por um santo à pergunta de outro santo: “*Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado*”. Algumas versões traduzem, em vez de justificado, purificado. A palavra original “*tsadik*” significa justificado, implicando a palavra “*juízo prévio*” ao cabo do período profético acima indicado o santuário, como também o povo que a ele pertence será justificado mediante o juízo. Um estudo dos capítulos 8 e 9 do livro de Daniel, combinados com Esdras 7:13, revela que esse período iniciou-se no sétimo ano do rei Artaxerxes, no sétimo mês do ano que saiu o decreto para a reedificação de Jerusalém. A cronologia revela que o sétimo ano do reinado desse rei, no qual foi publicado o decreto, foi o ano 457 A.C. (Esdras 7:13 c/c Daniel 9:24-25)^{56 57}. O período profético da citada profecia nos levaria, pois, ao ano 1844 A.D., tomado um dia por um ano, segundo a regra dada em Ezequiel 4:5-6⁵⁸. (Gênesis 29:27⁵⁹ c/c Daniel 9:24) onde a palavra “*semana*” é empregada no sentido de sete anos.

Foi nesse ano de 1844 que o juízo, ao qual alude a profecia, teve seu início, em 22 de Outubro, segundo o calendário papal, e no décimo dia do sétimo mês, segundo o calendário Bíblico. Essa visão do profeta Daniel, porém, não nos dá o nome desse dia como ele se acha indicado na Bíblia. Revela-nos, porém, a verdade em relação ao tempo do fim, apontando-nos para o dia do juízo, em que o santuário será purificado, e chamando esse tempo de “*tempo determinado do fim*”, de sorte a não ficarmos perdidos em meio a um período de tempo indefinido (Dan. 8:19; Hab. 2:3)^{60 61}.

O texto hebraico apresenta a expressão “*Lemaueid queits*”, que significa um certo dia, um tempo determinado ou apazado, predestinado por Deus, uma data certa em que deve ter lugar o fim.

⁵⁶ Esdras 7:13: “Por mim se decreta que, no meu reino, todo aquele do povo de Israel e do seus sacerdotes e levitas que quiser ir contigo a Jerusalém, vá”.

⁵⁷ Daniel 9:24 e 25: “Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua santa cidade, para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia e para ungir o Santo dos Santos. Sabe e entende: Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas e sessenta e duas semanas; as praças e as circunvalações se reedificarão, mas em tempos angustiosos”.

⁵⁸ Ezequiel 4:5 e 6: “Porque eu te dei os anos da sua iniquidade, segundo o número dos dias, trezentos e noventa dias, e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Israel. Quanto tiveres cumprido estes dias, deitar-te-ás sobre o teu lado direito e levarás sobre ti a iniquidade da casa de Judá”.

⁵⁹ Gênesis 29:27: “Decorrida semana desta, dar-te-emos também a outra, pelo trabalho de mais sete anos que ainda me servirás”.

⁶⁰ Daniel 8:19: “E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira, porque esta visão se refere ao tempo determinado do fim”.

⁶¹ “Habacuque 2:3: “Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará”.

Na versão árabe, o pensamento que sugere a expressão *lemiaden alintiha*, que vem do mesmo verbo do qual deriva a palavra *maued* no hebraico, na frase, “no tempo determinado será o fim”, significa um tempo que reincide numa determinada data e que é nesse tempo, determinado e futuro, predestinado, e só conhecido por Deus, que virá o fim.

A outra referência encontra-se em Habacuque 2:3, pois a visão ainda está para o tempo determinado. Aqui a expressão usada em ambos os idiomas é a mesma que se encontra em Dan. 8:19, e com o mesmo sentido de um tempo que torna ou reincide na mesma data.

Do significado dessa expressão no original, concluímos que o que o anjo queria dar a entender ao profeta, é que o fim de todas estas coisas, as quais se referem à visão em Dan. 8:13 e 14⁶²; 12:6-8⁶³, não seria no dia da terminação do período dessa visão, mas na reincidência, retorno ou repetição desse mesmo dia em que começou a purificação do santuário. Suficientemente esclarecidos por este lado, estamos, pois, entregues, a um outro guia fiel, que é a lei de Moisés, onde vamos encontrar o nome próprio dessa importante data.

No livro de Malaquias capítulo 4:4, deparamos com a solene advertência: “*Lembra-vos da lei de Moisés*”, quer parecer-nos que a lei de Moisés, à qual se refere o profeta, poderia esclarecer-nos algo acerca do tempo do fim, e que uma parte da mesma, aqui mencionada como estatutos e juízos (Lev. 23:23-31)⁶⁴, deverá ser lembrada de um modo especial como vigorando ainda nos últimos dias, quando o povo de Deus estivesse aguardando o grande e terrível dia do Senhor.

É essa lei que nos revela o nome desse dia em que devia começar a purificação do santuário celestial, no qual essa obra deve estar também de acordo com o que determina a lei.

Para purificação, aplicado ao santuário, é usada no hebraico, como já foi dito, a palavra *tsadik*. Um outro termo é *toher* que significa “purificar expiando”. (Lev. 16:30)⁶⁵

Essa purificação do santuário pelo julgamento e expiação, era feita no dia dez do sétimo mês. Assim deverá ser também no ministério antitípico do nosso sumo sacerdote: primeiro o juízo, depois a expiação. Mas como Ele derramou o seu sangue de uma vez por todas, provendo assim o meio para a expiação, não há mais o que fazer senão apresentar esse sangue de novo a seu Pai até que o apresente pela última vez ao completar a obra do julgamento, em que o instigador será declarado culpado de todos os pecados do povo de Deus. Cristo terá então a aprovação legal e receberá d’Ele o reino e a glória. Isto se efetuará

⁶² Daniel 8:13 e 14: “Depois, ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quanto durará a visão do sacrifício diário e da transgressão assoladora, visão na qual é entregue o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”.

⁶³ Daniel 12: 6-8: “Um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Quando se cumprirão estas maravilhas? Ouvi o homem vestido de linho, que falava sobre as águas do rio, quando levantou a mão direita e a esquerda ao céu e jurou, por aquele que vive eternamente, que isso seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo. E, quando se acabar a destruição do poder do povo santo, estas coisas todas se cumprirão. Eu ouvi, porém não entendi; então eu disse: Meu senhor, qual será o fim destas coisas?”

⁶⁴ Levítico 23: 23-31: “Disse mais o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel, dizendo: No mês sétimo, ao primeiro do mês, tereis descanso solene, memorial, com sons de trombetas, santa convocação. Nenhuma obra servil fareis, mas trareis oferta queimada ao Senhor. Disse mais o Senhor a Moisés: Mas, aos dez deste mês sétimo, será o Dia da Expição; tereis santa convocação e afligireis a vossa alma, trareis oferta queimada ao Senhor. Nesse mesmo dia, nenhuma obra fareis, porque é o Dia da Expição, para fazer expiação por vós perante o Senhor, vosso Deus. Porque toda alma que, nesse dia, se não afligir será eliminada do seu povo. Quem, nesse dia, fizer alguma obra, a esse eu destruirei do meio do seu povo. Nenhuma obra fareis; é estatuto perpétuo pelas vossas gerações em todas as vossas moradas”.

⁶⁵ Levítico 16:30: “Porque, naquele dia, se fará expiação por vós, para purificar-vos, e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor”.

na presença de todas as hostes celestes, na última sessão desse julgamento, que será no santo lugar, onde todos os habitantes do céu poderão assisti-la. (Dan. 7:9; 10:14)^{66 67}

Extraímos do exposto que o dia do julgamento é o Dia da Expição. Este fato foi reconhecido pelo irmão Branson no folheto acima citado, a págs. 29, onde ele diz: *“Há, pois um tempo para o julgamento. Esse tempo corresponde ao dia da expiação no serviço do santuário terrestre. É nesse dia do julgamento que são abertos no céu os livros (de registros) e examinados”*.⁶⁸

Como Jesus não realizou a obra do juízo no mesmo dia em que a começou, Ele pode dividir ou distribuir esse serviço de modo a realizar uma parte dele a cada ano, sempre no mesmo dia em que foi começado, porque esse dia é destinado para esse serviço. A parte desse serviço que se aplica a uma certa geração, ou mais de uma, Ele começou e terminou no mesmo dia, o qual se repete cada ano, prosseguindo assim a obra até terminá-la para todas as gerações passadas, ao passo que para a geração dos vivos Ele realizará esse serviço no último dia da graça, ao apresentar pela última vez o seu sangue ao Pai a favor de seus escolhidos, lançando então os seus pecados sobre o instigador. Sairá então o decreto em virtude do que será fechada para sempre a porta da graça.

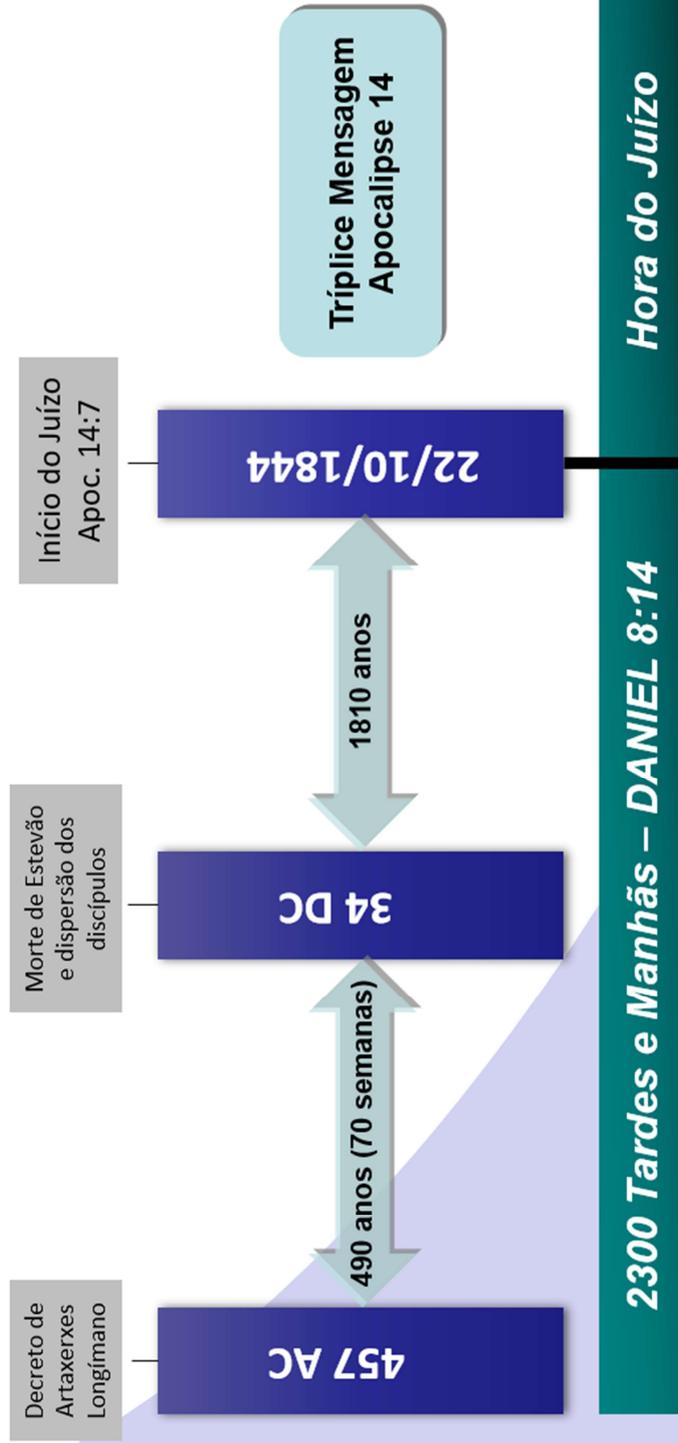
Para compreender mais facilmente que o julgamento é feito por partes e cada parte no mesmo dia que é designado para esse fim, o qual se repete a cada ano, isto se torna mais claro se considerarmos que esse serviço era realizado uma vez ao ano somente a favor dos vivos no ministério típico. Por este exemplo passado, podemos ver que o julgamento dos vivos, bem como o último ato da expiação figurado no bode emissário da expiação, seguido do decreto, não podem ter lugar senão no último dia da graça, que será o Dia da Expição ou do juízo, que nós compreendemos pelo último serviço típico feito a favor de Israel nesse dia específico.

⁶⁶ Daniel 7:9: “Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente”.

⁶⁷ Daniel 10:14: “Agora, vim para fazer-te entender o que há de suceder ao teu povo nos últimos dias; porque a visão se refere a dias ainda distantes”.

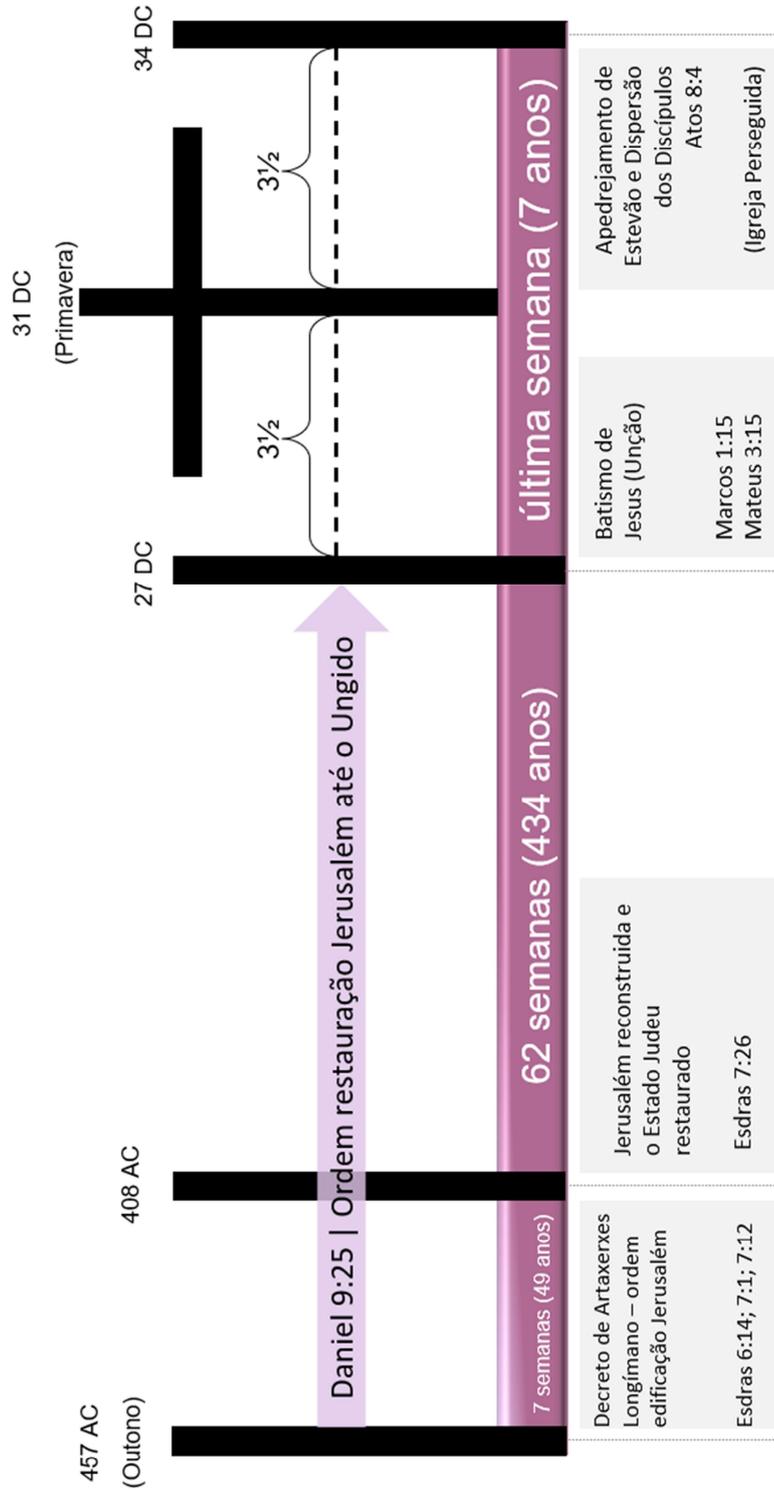
⁶⁸ Op. cit.

Início do Juízo Investigativo | O Tempo Determinado do Fim



Referência: Tardes e manhãs = 1 dia profético equivalente a um ano - Ezequiel 4:6

70 SEMANAS (490 ANOS) | DANIEL 9:24 - 27



Referências Bíblicas: Números 14:34 e Ezequiel 4:6

CAPÍTULO V

ACONTECIMENTOS TÍPICOS E ANTITÍPICOS

O serviço do décimo dia do sétimo mês não apontava somente a Cristo como o nosso sacrifício oferecido na cruz, mas também como nosso sumo sacerdote e juiz.

Cristo estava representado na pessoa do sumo sacerdote típico e seu ministério nesse dia, bem como para o juízo de investigação que começou em 1844 no mesmo dia em que cumpria realizar esse serviço de acordo com a lei, a profecia e a história, o dia que Deus designara para o juízo de investigação. Atos 17:31⁶⁹, não se refere somente a esse juízo, como também ao ato com que este é remarcado, quando Satanás, como responsável pelos pecados do povo de Deus, terá estes lançados sobre si, tal qual o bode emissário no serviço típico. O serviço desse dia alude ainda o derramamento de Espírito Santo na Chuva Serôdia, tipificada na benção lançada pelo sumo sacerdote ao Israel típico depois de completado o serviço religioso de acordo com as devidas prescrições. Tudo isto, porém, está no futuro.

O serviço típico tinha dois importantes fins: o juízo e a expiação. O primeiro já foi considerado, o segundo se dividia em duas partes: a expiação feita pelo substituto inocente, o que se realizou na morte de Cristo, e a outra que tornava a Satanás um substituto culpado em lugar do povo de Deus. A referência a esta última parte ainda não teve sua realização, mas a terá no futuro, depois de terminado este julgamento.

O povo de Israel devia cumprir as condições de perdão durante o serviço desse dia. Devia guardar o dia religiosamente de conformidade com o mandamento de Deus, abstenendo-se nele de toda obra servil e afligindo suas almas com jejum, humilhação e confissão dos pecados em arrependimento profundo, aguardando a volta do sumo sacerdote do santíssimo para receber dele a maior das bênçãos ao terminar o serviço desse dia.

O sumo sacerdote era também o seu juiz, pois se alguém não cumpria as condições de perdão era extirpado do meio do seu povo, deixando de receber a benção. O que isto significa para nós quando o nosso sumo sacerdote, Cristo, no tempo do serviço antitípico, estiver realizando esse serviço a nosso favor no juízo de investigação? Ele realizará também a parte final da expiação, que se refere ao bode emissário para Azazel, e tudo será efetuado no mesmo dia dez do sétimo mês. Ora, a lei referente a esse serviço não pode deixar de vigorar antes que os fins dessa instituição, isto é, o que ela prefigurou, esteja perfeitamente atingido, o que é ainda um acontecimento futuro.

Qual será então o nosso dever quanto ao tempo em que o nosso intercessor houver de realizar tudo isto por nós? Olhando para o exemplo do Israel típico nessa ocasião, esse dever saltará claramente aos olhos do observador. Eles guardavam esse dia em grande solenidade. (Lev. 23:26-32)⁷⁰.

⁶⁹ Op. cit.

⁷⁰ Op. cit. Levítico 23:32: “Sábado de descanso solene nos será; então, afligireis a vossa alma aos nove do mês de uma tarde a outra tarde, celebrareis o vosso sábado”.

É verdade que a morte de Cristo constitui a base do cumprimento da lei toda, mas isto não significa que a lei, como um todo, fosse abolida e que ela deixou de vigorar *in totum* em virtude dessa morte, porque Ele não veio revogar, mas cumprir a lei, pessoalmente, e por meio de seu povo, (Mat. 5:17e 18; João 10:35)^{71 72} tornando a trazer este a obediência. Compreenderemos, pois, pelas referências de Colossenses 2:14⁷³ e Efésios 2:15-16⁷⁴, e outras passagens, que a parte da lei que se referia a Cristo como um sacrifício e tudo o que se referia a Sua morte na cruz, foi abolido e posto a parte, por estar demonstrado que estas coisas atingiram ali seu cumprimento. O mesmo não ocorre com a parte que se refere a Ele como nosso sumo sacerdote e juiz, devendo esta vigorar até o próprio dia em que no céu e na terra ela se cumpra, porque Jesus não cessou ainda dessas funções, mas deverá cessar num futuro próximo, no próprio dia ao qual diz respeito esse serviço. Por exemplo: A lei da Páscoa vigorou até que Cristo foi sacrificado por nós no próprio dia da Páscoa, o que significa que a lei da Páscoa deixou definitivamente de vigorar no dia em que foi cumprida.

O dia das Primícias, três dias após a Páscoa, que se refere a Cristo e uma parte dos seus remidos como as primícias ressuscitadas dentre os mortos, cessou de vigorar no mesmo dia da ressurreição de Cristo, e o mesmo se deu com a lei de Pentecostes, no dia em que o Espírito Santo desceu sobre os discípulos. Quando o tipo atingiu seu cumprimento no antítipo, as obrigações referentes ao dia respectivo cessaram. Vemos dos exemplos citados que o que dizia respeito a um determinado dia, cumpriu-se nesse mesmo dia.

Em parte alguma concorrem dois acontecimentos distintos tendo sua realização num dia só, mas cada acontecimento no seu próprio dia, pois não se referem todos ao dia da morte de Cristo porquanto todo o sistema sacrificial deixasse apenas de vigorar no que dizia respeito ao acontecimento. Esta regra divina não pode ser mudada ou abolida.

Quando na sombra está indicado um dia de vinte quatro horas, esse dia significa invariavelmente um dia de vinte e quatro horas também na realidade, e cada ponto da lei cujo cumprimento não puder ser demonstrado de acordo com esta regra, é prova de que está ainda por cumprir-se, e que as obrigações que dele se prendem continuam em vigor. Diremos que as três solenidades de primavera que se cumpriram com primeira vinda de Cristo, na sua morte, ressurreição, no derramamento do Espírito Santo como chuva temporã, deixaram por isso de vigorar, e nada mais temos que ver com elas.

O mesmo ainda não ocorreu com as três solenidades de outono, que se relacionam com Cristo como nosso sumo sacerdote, Sua segunda vinda, o derramamento da chuva serôdia e terminação de Sua obra tanto no céu como na terra, porque o significado dessas festas ainda não atingiu o seu cumprimento. Notemos o que Cristo mesmo disse a respeito desta verdade, que é necessário que se cumpram todas as coisas que se acham escritas a seu respeito na lei de Moisés (Luc. 24:44)⁷⁵.

A lei de Moisés, que ainda é o nosso guia presente, possui uma parte que não está cumprida, pois onde cessa de falar a profecia, fala a lei, e o povo de Deus não será deixado

⁷¹ Mateus 5: 17 e 18: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”.

⁷² João 10:35: “Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar”.

⁷³ Colossenses 2:14: “Tendo cancelado o escrito da dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz”.

⁷⁴ Efésios 2:15 e 16: “aboluiu, na sua carne, a lei dos mandamentos na forma de ordenanças para que dos dois criasse, em si mesmo, um novo homem, fazendo a paz, e reconciliasse ambos em um só corpo com Deus, por intermédio da cruz, destruindo por ela a inimizade”.

⁷⁵ Lucas 24:44: “A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco; importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos”.

em trevas nestes tempos difíceis que estamos atravessando, porque esta lei é o mastro elevado sobre o cume do monte, que conduz o viajante a salvo para o porto terminal do seu descanso. Foi para esta lei que os pioneiros adventistas se voltaram quando, pela profecia, não compreenderam o acontecimento que devia ocorrer ao cabo dos 2.300 dias proféticos.

Foi graças a essa lei típica que eles descobriram que o santuário a ser purificado não era a terra como então se pensava, nem o santuário terrestre, que nesse tempo já não existia, e nem devia existir no futuro, e sim o santuário verdadeiro, ao qual Deus fez e não o homem. (Heb. 8:2-5; Apoc. 11:19)^{76 77}

Este é o santuário do qual o outro era um tipo. Eles verificaram também, que os conteúdos do santuário terrestre eram uma figura das coisas verdadeiras que estão nos céus (Heb. 8:5; Apoc. 4:5 e 8:3-4)^{78 79 80}. Chegavam, pois, à conclusão de que o sumo sacerdote e o seu ministério no santuário terrestre, bem como de todos os ministros a ele associados, eram figuras de Cristo e Seu legítimo sacerdócio no santuário celestial.

Finalmente, descobriram o nome do grande dia da expiação com a qual era chegada a hora do seu juízo, em 1844 (Lev. 16:29-31)⁸¹, para serem apagados os pecados e pudesse ter lugar a chuva serôdia ou o refrigério pela presença do Senhor, em conformidade com a palavra "quando" em Atos 2:19.⁸² O livro "O Grande Conflito" comenta sobre o ministério geral dos sacerdotes.⁸³

O ministério geral dos sacerdotes na velha dispensação a favor dos pecadores durante todos os anos (menos um dia por ano) era um tipo ou figura do ministério sacerdotal de Jesus desde a Sua ascensão até ao fim. Tal ministério não tinha e não tem tempo designado visto que se praticava diariamente tanto no tipo como no antítipo, porém, o serviço particular realizado no dia dez do sétimo mês como está descrito em Levítico 16 aludia ao ministério de Cristo como sumo sacerdote e juiz no mesmo dia que caiu pela determinação Divina ao fim de 2300 tardes e manhãs, em 1844, conforme o que se acha na lei (Lev. 23:26-32; Dan. 8:14)⁸⁴. Em virtude desta luz sabemos que estamos agora no tempo do ministério verdadeiro desse dia, quer dizer, que o nosso tempo presente é o tempo do cumprimento do serviço antitípico do dia da expiação designado para esse fim.

⁷⁶ Hebreus 8:2-5: "Como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, não o homem. Pois todo sumo sacerdote é constituído para oferecer tanto dons como sacrifícios; por isso, era necessário que também esse sumo sacerdote tivesse o que oferecer. Ora, se ele estivesse na terra, nem mesmo sacerdote seria, visto existirem aqueles que oferecem os dons segundo a lei, os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte".

⁷⁷ Apocalipse 11:19: "Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança, no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada".

⁷⁸ Op. cit.

⁷⁹ Apocalipse 4:5: "Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus".

⁸⁰ Apocalipse 8:3 e 4: "Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono, e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos".

⁸¹ Op. cit.

⁸² Atos 2:19: "Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça".

⁸³ WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 23: "O Santuário Celestial, Centro de Nossa Esperança", pág. 420-422 – Casa Publicadora Brasileira – <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/409/422/o-santuario-celestial.-centro-de-nossa-esperanca>.

⁸⁴ Op. Cit.

CAPÍTULO VI

O MINISTÉRIO DE CRISTO E A EXPIAÇÃO

Temos duas épocas distintas para o exercício do ministério sacerdotal, porém um dia central para ambas. O ministério de Cristo para a purificação do santuário começou no ano de 1844, e não podia começar em outro dia a não ser o da expiação, de conformidade com a lei e a profecia, como foi mostrado.

Ellen White, aludindo ao nosso tempo presente em um sentido geral diz: *“Estamos vivendo no grande dia da expiação”*.⁸⁵ O que ela quer dizer é que estamos no tempo ou no período antitípico ao qual se referia o dia da expiação durante o período de 1500 anos do ministério da primeira dispensação e nada mais. Isto não deve confundir-nos a ponto de perdermos de vista o dia particular da expiação, porque este foi designado pela lei como um dia de vinte quatro horas. Também não nos é lícito confundi-lo com um período de tempo indefinido, a ponto de fazê-lo desaparecer nesse período, sob pena de sermos responsabilizados pelo Legislador por uma tal adulteração da verdade.

A dificuldade em compreender que o dia do juízo ou da expiação é um dia literal de vinte e quatro horas, que ocorre uma vez ao ano na presente dispensação, procede de se imaginar que esse mesmo dia era, na dispensação antiga, um tipo do período da dispensação antitípica atual, que decorre de 1844 até o fim do tempo da prova. Não temos regra nenhuma que justifique tal presunção. A lei ou o princípio de tipo e antítipo opõe-se formalmente a essa ideia. Em profecia não temos exemplo que nos ajude a compreender que um dia pode significar um tempo indefinido em relação à lei.

Em toda a Bíblia não encontramos nada que justifique tal interpretação, porém, se consideramos o período da primeira dispensação, que é a fluência da lei, durante o qual anualmente ocorria o dia da expiação, com o tipo do período da presente dispensação desde 1844, e aquele dia particular como um tipo do dia que ocorre anualmente dentro deste último período, a dificuldade desaparece e permanecemos dentro da lógica com um argumento razoável.

Aprofundando-nos mais na visão que temos sobre o assunto da palavra divina, achamos a razão pela qual podemos acertar, nos seguintes pontos:

1. Todo o ministério sacerdotal na dispensação típica, que começou com o justo Abel e mais tarde fora entregue à tribo de Levi e restringindo em Arão e sua descendência, era um tipo ou figura de Cristo e de seu ministério como sacerdote permanente, desde que Ele ascendeu ao céu até a terminação do tempo da graça. *“Como em outro lugar também diz: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a*

⁸⁵ WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 28: O Grande Juízo Investigativo – pág. 489, Casa Publicadora Brasileira - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/409/422/o-santuário-celestial-centro-de-nossa-esperanca>

ordem de Melquisedeque”. (Heb. 5:6). Sugerimos ao caro leitor que leia os capítulos 7, 8 e 9 do livro de Hebreus para melhor compreensão deste estudo.

2. O ministério do sumo sacerdote no dia particular de expiação que se repetia uma vez, bem como o dia de juízo durante 1500 anos, era um tipo do ministério de Cristo já como nosso sumo sacerdote e juiz, desde a chegada do mesmo dia no fim do período de 2300 anos, ou seja, em 1844, conforme Daniel 8:14⁸⁶, até ao fim da prova.
3. Este dia foi descoberto pela lembrança efetiva da lei de Moisés – *“Lembrai-vos da lei de Moisés, meu servo, a qual lhe mandei em Horebe para todo o Israel, e que são os estatutos e juízos”* (Mal. 4:4) – e voltará com seu ministério antitípico, posto que o trabalho de Cristo não está terminado nem no céu nem na terra, continuando no céu, pois o ministério sacerdotal foi mudado do santuário terrestre para o santuário celestial, e assim continuará até que chegue o último dia da graça; não obstante com seu último ministério na mesma data, no ano em que terminava todo o serviço religioso, ocorria quando todo o povo de Deus, anualmente, era posto figurativamente em liberdade de todo o pecado.⁸⁷ Assim deve ser na realidade. Seria mais claro ainda, dizer o mesmo de modo mais definitivo, como segue, e justamente como passou na história sagrada:
 - 3.1.– O ministério sacerdotal registrado desde Abel até Arão era um tipo do ministério de Cristo, desde a Sua ascensão até 1844;
 - 3.2. – A continuação do mesmo ministério reorganizado, desde Arão até o ministério típico que terminou com o sacrifício da cruz, era um tipo de continuação do ministério de Cristo, desde aquela data até a terminação do tempo da graça;
 - 3.3. – A parte jurídica que consistia no ministério do Dia de Expiação e que não foi cumprida no sacrifício da cruz, era o tipo de serviço de Cristo no juízo de investigação e deve cair sempre no mesmo dia desde 1844 até o término do tempo da graça.

A conclusão acima tem base nos princípios sobre o santuário, que são sólidos e firmes, pois contém mandamentos, estatutos e verdadeiras doutrinas adventistas, que deviam cumprir-se em todos os pontos, assim como cumpriu-se o perfeito plano de salvação e as referências para a primeira vinda de Jesus em todos os pontos separadamente.

Jesus, como nosso sumo sacerdote, ainda está nos servindo conforme a lei e a profecia, no santuário celeste, onde está a arca da aliança e a lei ao seu lado.

Temos que fazer a nossa parte com relação a este ministério que quando estiver terminando – o mesmo santuário celestial do qual depende do serviço sacerdotal de Jesus – não mais existirá na Nova Jerusalém, com a mesma finalidade vestibular, quando do término do ministério do sistema sacrificial na morte de Cristo, pois já não mais existia o santuário terrestre.

⁸⁶ Op. Cit.

⁸⁷ Levítico 16

Se para crer e ensinar que o sacerdócio típico teve suas leis e estatutos em um sistema ministerial completo, e o sacerdócio de Cristo sem nada disto é contra a realidade atual, bem como contra a razão baseada na escritura sagrada, e, se é, onde estão esses preceitos senão nos escritos de Moisés?

Se fizermos a seguinte pergunta: Onde estava o dia da expiação entre a ascensão de Cristo e o ano de 1844? Respondemos que estava com Deus em Jesus, justamente como estava no tempo típico, antes da organização do ministério sacerdotal feito por Moisés; porque no tempo antitípico daquele período, depois da morte de Cristo, e a sua ascensão até 1844, não era mais para ser guardado, com referência à expiação que foi efetuada na cruz de uma vez por todas, no passado.

Ocorre que quando chegou o tempo determinado para ele ser usado como dia de juízo e expiação em referência para o futuro, apareceu outra vez no estágio da lei divina, justamente como foi designado pela parte judicial, que consistia no ministério típico daquele dia, a saber, uma vez por ano.

Ao analisarmos os gráficos no final do capítulo, encontramos como o plano da salvação foi delineado e desenvolvido numa consideração completa, aplicado corretamente desde o tempo de Abel até a terminação do tempo da graça, e o ajuntamento do povo de Deus no tempo da ceifa, assim prefigurado em todas as suas fases num sistema de ministério sacerdotal completo e perfeito, que deveria ser realizado no tempo devido, de acordo com a verificação da lei, até que tudo finalmente fosse cumprido no tempo determinado pelo tipo.

Para considerar o assunto de modo abrangente, é mais lógico e razoável tomar um ano (menos um dia) do período de 1500 anos, que começou no tempo de Moisés e durante o qual o ministério típico foi realizado sob a sua organização para tipificar ou figurar um período de 1810 anos, desde a ascensão até 1844, e um dia para tipificar um período indefinido desde esta data até o desconhecido fim da graça.

Para usar também somente um ano como tipo dos 4000 anos, pelo qual o plano da salvação ia passando em ação, não combina com este plano de Deus que quis salvar a humanidade pela fé com todos os meios providos para serem usados e praticados continuamente, cooperando com este plano glorioso de apresentar salvação completa provida a todas as gerações durante todo o tempo da graça.

Se assim não fosse, deixaria os peregrinos em confusão vagando nas trevas num oceano de tempo, sem ter colocado os marcos luminosos ou os postes indicadores para mostrar a estrada que leva a santa cidade, a fim de seguirem na luz até lá, onde está o verdadeiro santuário e o amado Jesus perante o trono da graça, oficiando no tempo próprio em favor de seu povo, de onde irá mandar seu Espírito na chuva serôdia. Veja o caro leitor o segundo gráfico ao final do capítulo.

Por isso, a maioria de nosso povo não compreende este importantíssimo assunto que se torna misterioso para eles, que o negligenciam, considerando-o com menos importância, quando na verdade ele é o ponto principal da mensagem do advento. Outros ainda rejeitam por completo a questão do santuário por não verem a verdade aqui abordada e desviam-se dela.

Por que é que quando a questão se infere no segundo gráfico, ao final do capítulo, não encontramos a resposta Bíblica especificamente na lei do tipo e antítipo que deve traçar semelhança entre ambos? Porque, sustentamos, tal consideração é enigmática, da mesma forma como a questão do acontecimento ao cabo dos 2.300 anos era enigmática aos nossos pioneiros que interpretaram que Jesus devia voltar em 22 de outubro de 1844, exatamente no

dia da expiação, quando o lapso temporal e a compreensão completa e verdadeira da visão de Daniel 8:14 provaram diferente.

É o que ocorre neste assunto, quando estamos recebendo mais luz da palavra de Deus conforme a profecia de Ellen White.

Agora, caro leitor, compare os dois gráficos nas próximas páginas enquanto estuda e julgue por si mesmo qual é a verdade completa e mais clara. Tudo isso apela à nossa inteligência a fim de discernirmos a verdade presente, porque Deus é perfeito.

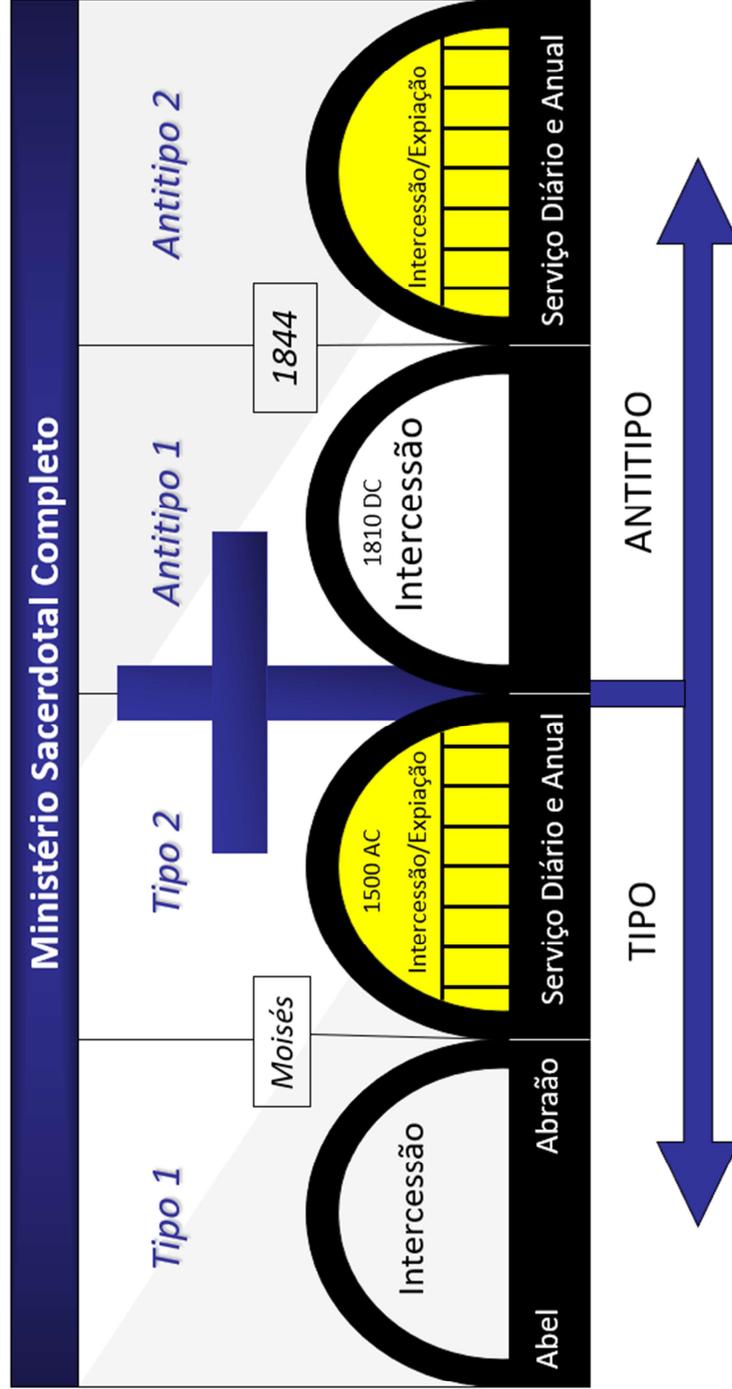
Assim, este plano foi revelado e delineado pela Bíblia toda numa perfeita e clara consideração prefigurada na lei de Moisés num sistema de mandamentos e estatutos completos, que deviam servir para determinar tal plano e serem cumpridos com todo o respeito e em todo o ponto com o plano de salvação, executado e completado exatamente no tempo determinado pela lei em cada fase, com verdadeira e perfeita aplicação, e não para destruir completamente a semelhança que deve existir entre o tipo e o antítipo, até que tudo seja cumprido. (Lucas 24:44 e Apoc. 16:17)^{88 89}.

Para assegurar a ideia que o grande dia do juízo (expiação) era de vinte e quatro horas no tipo, devemos nos reportar ao passado, pois naquele tempo o sumo sacerdote era mortal. Porém, um período longo e indefinido tratando-se do tempo presente, nos mostra que o sumo sacerdote é imortal, não nos dando o direito para mudar ou destruir a lei.

⁸⁸ Op. Cit.

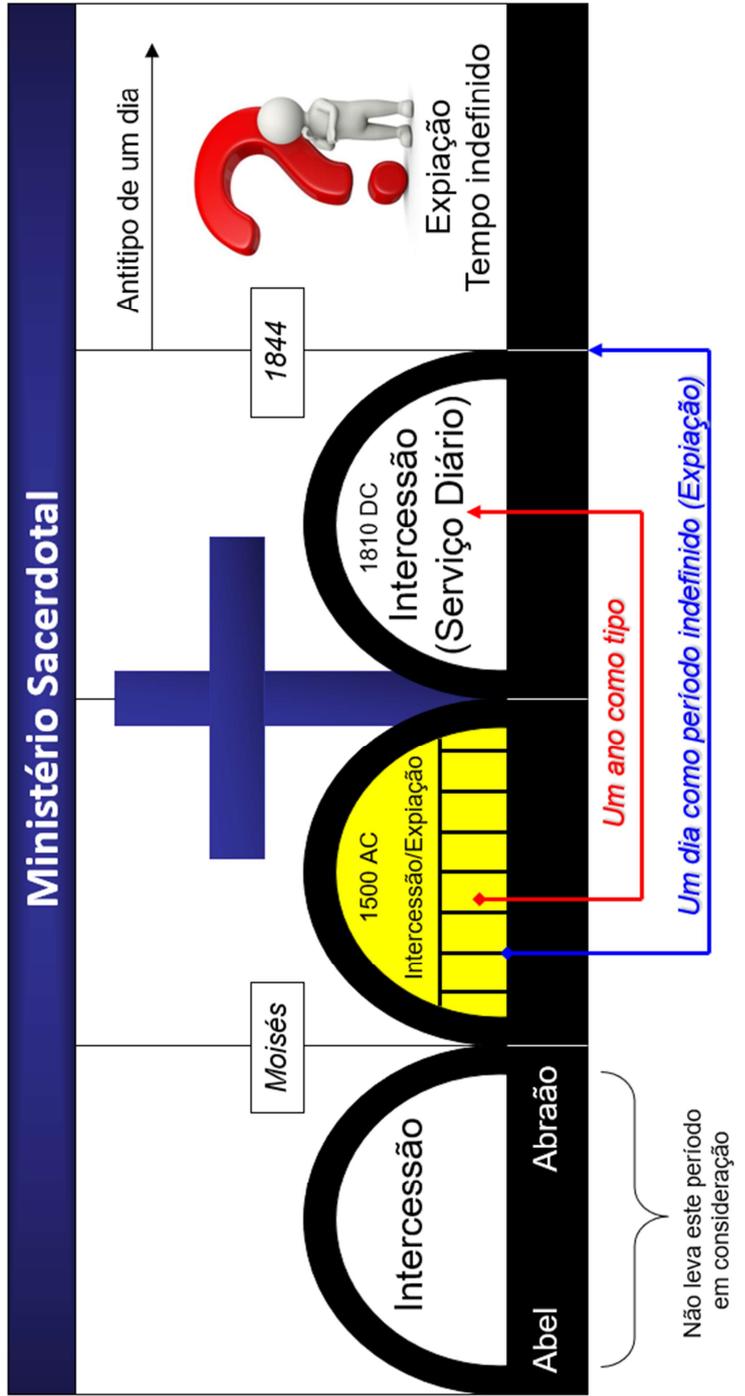
⁸⁹ Apocalipse 16:17: “Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está!”

Plano da Redenção Revelado



Obs.: Nos campos do Tipo e Antitipo 2 (em amarelo), cada traço vertical representa o período de um ano, ou seja, o Serviço Anual.

Plano da Redenção - Período Indefinido



CAPÍTULO VII

PERÍODO DE VINTE E QUATRO HORAS

O dia de vinte e quatro horas estabelecido na lei deve permanecer, assim como o ministério que pertencia a ele deve continuar e ser realizado até que o plano da salvação e sua relação com ele termine.

Se o sacerdote morria, outro tomava o seu lugar e o ministério que pertencia a ele tinha continuidade do mesmo modo a cada ano. O estado natural do sumo sacerdote, não faz diferença na natureza da lei divina que deve ser cumprida até a morte do homem.⁹⁰

Só então, como o estado mortal do sumo sacerdote não se destinava a fazer, como não fez, do sábado o sétimo dia uma época indefinida nem agora nem antes, ficou como devia ser, de vinte e quatro horas sempre, assim devia ser este grande sábado de expiação, até que todo o serviço que lhe pertence seja terminado, justamente no mesmo dia em que havia começado a Páscoa, quando Jesus declarou: “Está consumado”⁹¹, referindo-se a todo o sistema sacrificial representado pela Páscoa. Então, se extinguiu a comemoração da Páscoa, bem como o uso dela, uma vez que foi dado cumprimento naquela hora e não antes; e assim será com o dia do juízo de investigação.

Adiante, verificamos que essa lei, no que diz respeito a esse dia, não deixou de vigorar na cruz, pois nosso sumo sacerdote continua a observar, tendo começado Sua obra final nesse mesmo dia, designado pela lei e pela profecia, onde ambas se apoiam.

Se alguém diz que esta lei cumpriu-se nessa mesma data, perguntamos como é possível isto, se Jesus iniciou nela sua obra de julgamento, porém não a terminou – para todas as gerações – em qual dia unicamente compete essa obra?

Como seria possível o cumprimento desta obra se Jesus sequer desempenhou ainda a última parte da expiação, que se refere ao bode emissário, que não pode ser realizada antes que termine o juízo para receber o Seu reino da glória? Louvado seja Deus, porque ainda nos encontramos no tempo da graça e o nosso Sumo Sacerdote continua a ministrar a nosso favor até que tudo seja cumprido em seu tempo, num breve futuro.

É possível que alguém pergunte: Ainda temos relação com o bode para Azazel? Respondemos: Não. Porque esta figura como uma parte da lei cerimonial estava restringida ao ministério terrestre e ao sacerdócio de Aarão na dispensação típica. Porém, agora estamos sob o sacerdócio de Cristo desde a Sua ascensão. Ele não recebeu Seu sacerdócio em virtude daquela lei porque Ele é de outra tribo e não passará também seu sacerdócio a outrem, porque vive para sempre.

O sacerdócio de Levi extinguiu-se com todas as suas práticas e cerimônias, quando Jesus morreu, ressuscitou dos mortos e, subindo ao Pai, recebeu Dele o sacerdócio eterno.

⁹⁰ Com a vinda e morte de Cristo, o que mudou foi a natureza do sacrifício e não a natureza da Lei e de seus procedimentos estabelecidos no santuário terrestre, vez que este era sombra do santuário celestial. (Nota dos organizadores)

⁹¹ João 19:30: “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito”.

Seu ministério como Sumo Sacerdote tomou um outro aspecto na dispensação antitípica e o juramento, que O confirmou, tornou-se como uma lei nova para Seu direito a esse ofício. Em parte alguma vemos que Deus designou um novo dia para o julgamento ou para advertir o povo do advento com relação a esse dia, em lugar do dia das Trombetas estabelecidos na mesma lei! Também não encontramos uma nova lei para a congregação do povo de Deus em substituição à festa dos tabernáculos ao final das três festas do outono, a saber: trombetas, expiação e tabernáculos, nas quais suas datas são estabelecidas de acordo com o calendário judaico.

Não há outra lei que se relacione com o sacerdócio de Cristo além dessas três festas. No dia das trombetas ouviremos os sete trovões que fazem soar suas vozes, anunciando a aproximação do último dia da graça, dez dias antes. Então todos os crentes vivos serão julgados, e o diabo, tipificado pelo bode emissário, terá sobre ele a responsabilidade dos pecados do povo de Deus, como instigador destes mesmos pecados, a fim de pagar a pena deles como foi representado pelo bode vivo.

Para realizar o plano da salvação, Deus instituiu um sistema completo e perfeito do ministério sacerdotal, que devia servir até o fim. Este sistema e a sua lei, não estava confinado ao sacerdócio de Aarão, cujo serviço relacionado à sua condição de homem mortal e pecador, não podia satisfazer os fins desta instituição, senão apenas representar.

Todavia, esse sistema abrangia o sacerdócio de Jesus a partir de sua ascensão, de modo a representar sua continuidade até o fim, para que fosse aperfeiçoado e completado pelo Seu ministério, como nosso Sumo Sacerdote, no céu. Tal serviço somente podia se tornar efetivo graças a Sua habilitação como intercessor poderoso que vive para sempre.

Assim, a lei desse sistema sacrificial referente ao sacerdócio de Levi, terminou como sucedeu, com tudo o que nele se referia à cruz do calvário. É esta a única parte que deixou de ser observância obrigatória, vejamos: a parte que se refere ao sacerdócio de Jesus na presente dispensação só terminará quando se achar encerrada Sua obra como nosso Sumo Sacerdote, dando-se pleno cumprimento ao plano de redenção por meio de um ministério perfeito.

Por esta razão tudo o que tenha relação naquela lei para Sua segunda vinda, bem como o juízo de investigação, o derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia, a última parte da expiação e os demais acontecimentos ainda obrigatórios, ocorrerão futuramente, como no tempo próprio designado. Se assim não for a lei estabelecida por Deus, não terá significado.

Se este é o caso, alguém pode perguntar: Por que então Ellen White afirma que Jesus entrou no santíssimo em 1844, para realizar Sua obra final não saindo dali até que esteja consumada? Com efeito, temos aqui uma das afirmações autorizadas sobre o assunto que é necessário examinar mais detidamente. Ela afirma o seguinte: *“Fui arrebatada em visão ao lugar santíssimo onde vi a Jesus intercedendo por Israel. Vi então que Jesus não abandonaria esse lugar até que cada caso estivesse resolvido, seja para a salvação ou para a destruição, e que a ira de Deus não se derramaria até que Jesus tivesse terminado Sua obra no santíssimo, deposto as Suas vestes sacerdotais e tomado as vestes de vingança”*.⁹²

Para compreender as representações desta visão, necessitamos olhar para Jesus como o Filho de Deus e Herdeiro de todas as coisas, tanto quanto nosso Sumo Sacerdote como nosso sacrifício. Estando na terra Ele poderia reclamar o Seu direito à glória que tinha junto

⁹² WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 4: O Selamento – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 36 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/36/38/o-selamento>

ao Pai antes de existir o mundo (I João 19:5)⁹³. Indo para o céu, assentou-se à direita do trono da majestade, com Sua glória recuperada. (Heb. 1:2; 8:1; 10:11)^{94 95 96}

O trono no qual se assentará está no lugar santíssimo do santuário celestial, tal como este foi representado na arca da aliança no santuário terrestre. Quando Jesus subiu ao céu tomou ali o seu lugar de glória como filho de Deus e como nosso sumo sacerdote. Esse trono não é o carro de Deus como está descrito em Ezequiel capítulos 1 e 10, nem dos tronos que foram postos no santo lugar, quando Jesus recebe o seu reino de justiça na presença de todo o exército celestial (Dan. 7:9)⁹⁷, nem tampouco o trono que Deus estabeleceu no céu cuja base representa é justiça e juízo.^{98 99 100 101}

O trono ao qual nos referimos é o trono que foi figurado na arca da aliança, porque o santuário terrestre, com todos os seus utensílios, foi feito à semelhança do celeste.^{102 103}

Nesse trono inamovível Jesus se assentou quando subiu ao céu, pois além de ser o primogênito do Pai, é Ele também o único sacrifício pela humanidade que pode interceder a Deus em favor dos pecadores penitentes quando exclamou: “Meu sangue, Pai, Meu sangue, Meu sangue!”.

Através do tipo, acompanhamos Jesus, depois da ascensão, ministrando no santo lugar como Sumo Sacerdote até 1844. Ainda através do tipo, da profecia e das visões O vemos passar, ou mudar como Sumo Sacerdote, do santo para o santíssimo no mesmo dia designado para Ele julgar e realizar a última parte da expiação.

Esta parte da expiação, todavia, será realizada no último dia da provação, que é o décimo dia do sétimo mês, como dito anteriormente porque essa parte igualmente diz respeito a esse dia.

Não obstante, Ele continuará a interceder por nós, e nós também devemos orar continuamente, não cessando e nem abandonando de modo absoluto o Santíssimo e Seu ministério até que o serviço esteja acabado, para derramar sobre o mundo iníquo a ira de Deus. Ele aí continuará, não deixando de atender ao serviço que se refere a esse tempo determinado do fim, no dia designado para o mesmo, que se repete anualmente.

Jesus não deixará o Santíssimo sem terminar Seu ministério em conformidade com o que determina a lei e a ordem que prevalecem no céu. É isto que os testemunhos significam, e não que Jesus, como nosso representante, rompa com as disposições da lei, fazendo diariamente o que na dispensação típica, o sumo sacerdote só fazia no dia da expiação.

⁹³ João 19:5: “Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!”.

⁹⁴ Hebreus 1:2: “Nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”.

⁹⁵ Hebreus 8:1: “Ora, o essencial das coisas que temos dito é que possuímos tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus”.

⁹⁶ Hebreus 10:11: “Ora, todo sacerdote se apresenta, dia após dia, a exercer o serviço sagrado e a oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca jamais podem remover pecados”.

⁹⁷ Daniel 7:9: “Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias, se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; e seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente”.

⁹⁸ Salmos 103:19: “Nos céus, estabeleceu o Senhor o seu trono, e o seu reino domina sobre tudo”.

⁹⁹ Salmos 93:2: “Desde a antiguidade, está firme o seu trono; tu és desde a eternidade”.

¹⁰⁰ Salmos 89:14: “Justiça e direito são o fundamento do seu trono; graça e verdade te precedem”.

¹⁰¹ Salmos 97:2: “Nuvens e escuridão o rodeiam, justiça e juízo são a base do seu trono”.

¹⁰² Hebreus 8:5: “Os quais ministram em figura e sombra das coisas celestes, assim como foi Moisés divinamente instruído, quando estava para construir o tabernáculo; pois diz ele: Vê que faças todas as coisas de acordo com o modelo que te foi mostrado no monte”.

¹⁰³ Hebreus 9:7 e 23.

Os testemunhos não dão a entender que Jesus não deixa absolutamente o santíssimo, continuando limitado a um mesmo lugar todos os dias até o fim do tempo da graça! Se este fosse o caso, apesar desta clareza, seria forçoso admitir que tal não se deu durante o Seu ministério no primeiro compartimento. Assiste-Lhe o direito de estar em casa com o Pai e de estar assentado no santíssimo, sem estar limitado a este lugar todo o tempo, achando a ministrar a seu tempo em lugares diferentes, de acordo com variedade de Seu ministério. (Heb. 8:1; 1:13)^{104 105}

Da mesma forma como o serviço em favor do pecador era feito de ano em ano no santuário terrestre para renovação e recordação do pecado, assim também se dá no serviço antitípico porque a obra de Cristo não está completada nem no céu e nem na terra.¹⁰⁶ A obra prosseguirá uma vez ao ano até a sua terminação no mesmo dia particular que é chamado “tempo determinado do fim”.

A questão “uma vez por ano”, se impõe novamente à nossa consideração, nos impulsionando a algumas perguntas: Como seria possível, Cristo, o Filho de Deus e Chefe dos anjos, estar ocupado todos os dias em proceder a esse juízo de investigação, como se crê e se ensina, e não ter outra coisa mais a fazer? Se assim fosse, que significado teria a lei que determina ao sumo sacerdote que não entre todo o tempo no santíssimo? (Lev.16:2)¹⁰⁷ Se essa lei deixou de vigorar antes de estar cumprida, por que motivo Jesus iniciou Sua obra final no próprio dia que o povo do advento guardou naquele ano? Quando Jesus estaria exercendo Sua autoridade ou governo sobre os anjos e o universo que foi criado por Ele? Poderia, pessoalmente, realizar esse ato de estar limitado ao santíssimo continuamente?

Procuremos uma boa razão para essa ideia e perguntemos novamente: É possível que uma obra realizada no ministério típico em dia determinado, venha a ser realizada no ministério antitípico num período indeterminado, e sem relação alguma no que estabelece a lei? Para tal questão, não há base alguma na lei típica, que foi cumprida, e menos ainda na parte que se refere a esse dia determinado que ainda não se cumpriu. O que nos depara na figura do tipo deve ser encontrado também na figura do antítipo, ou seja: o que nos depara na sombra, deve ser visível também na realidade.

Assim como o dia da expiação, que era também o dia do juízo, caía uma vez ao ano, no décimo dia do sétimo mês durante o ministério típico de Aarão, também deve ser durante o período antitípico do ministério de Jesus desde 1844 até o último ano. As duas partes do ministério sacerdotal devem ser praticadas e terminadas no seu dia próprio em ambas as dispensações.

É verdade que Jesus está intercedendo por nós continuamente, apresentando Seu sacrifício ao Pai; porém, Ele não está exercendo o juízo, nem realizando o serviço da expiação todos os dias, porque esta parte de Sua obra pertence, conforme já elucidado, a um dia determinado. A parte final da expiação, que diz respeito ao bode emissário, será feita num único dia e de uma só vez, ao terminar o tempo da graça e o juízo de investigação.

Sugerimos ao caro leitor que acompanhe o gráfico ao final deste capítulo, medite e ore a respeito.

¹⁰⁴ Op Cit.

¹⁰⁵ Hebreus 1:13: “Ora, a qual dos anjos jamais disse: “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés?”

¹⁰⁶ Apocalipse 10:11: “Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis”.

¹⁰⁷ Levítico 16:2: “Então, disse o Senhor a Moisés: Dize a Aarão, seu irmão, que não entre no santuário em todo o tempo, para dentro do véu, para que não morra; porque aparecerei na nuvem sobre o propiciatório”.

CAPÍTULO VIII

O CUMPRIMENTO DAS FESTAS

Jesus começou Sua obra antitípica a ser executada no mesmo dia do juízo e continuou uma vez ao ano de acordo com o mandamento da lei.¹⁰⁸ Assim Ele fez e prosseguirá até que o ministério de Deus na terra esteja cumprido e os salvos sejam congregados e selados nesse mesmo dia, mediante o selamento da perfeição.

O Filho de Deus nasceu em carne para honrar e obedecer a lei tornando-a grandiosa quando estava na terra. É impossível que Ele passe a transgredi-la no céu, como nosso representante e sumo sacerdote! Tal coisa Ele nunca fez e jamais fará, pois iniciou Sua obra no dia da expiação e a terminará nesse mesmo dia, quando sairá o decreto em que a graça estará terminada e imputará ao diabo a responsabilidade pelos pecados de Seu povo, sendo este amarrado e lançado no abismo. (Apoc.22:11; Apoc. 20:1-3)^{109 110}

Nesse mesmo dia Jesus receberá o domínio sobre as nações (Dan.7:14)¹¹¹, governando com vara de ferro, derramando sobre o mundo as sete últimas pragas, nas quais se cumprirão a ira de Deus, tendo o diabo seu poder destruído sobre este mundo. É então, que o sétimo anjo tocará sua trombeta e haverá grandes vozes no céu que dirão: “O reino do mundo passou a ser de Nosso Senhor Jesus Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos”. Muitos dizem que tal doutrina coloca-nos sob o jugo da escravidão da lei de Moisés, ao que contestamos: se observarmos os tempos do Altíssimo em conformidade com a lei que se relaciona com o sacerdócio de Cristo e o derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia antes de Sua volta, isto não significa que estamos observando a lei cerimonial de Moisés, que teve seu cumprimento na cruz, mas que estas festas de outono foram instituídas a fim de servirem ao plano de salvação tanto sob o sacerdócio de Cristo, quanto sob o de Aarão.

Praticava-se nas festas, cerimônias por causa da natureza típica daquela dispensação e não porque o seu uso estivesse confinado somente àquele ministério. Isto é confirmado pelo apóstolo Paulo que, como estudante assíduo da Bíblia, sabia que o dia da expiação era o dia determinado do julgamento, tal como reconhecido até hoje pelo povo judeu. (Atos 17:31)¹¹².

¹⁰⁸ Levítico 26:21-34.

¹⁰⁹ Op. Cit.

¹¹⁰ Apocalipse 20:1-3: “Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto pouco tempo”.

¹¹¹ Daniel 7:14: “Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído”.

¹¹² Op.cit.

O próprio Jesus, como nosso sacerdote, reconhece esta verdade, iniciando o juízo de investigação no mesmo dia da expiação, expressamente designado para esse fim, em 22 de outubro de 1844.¹¹³

Se atribuímos um servilismo e não um prazer guardar esses dias em conformidade com a natureza da presente dispensação, estaremos pecando, infringindo a Lei.

Temos a semana determinada de oração? Temos tempo determinado para as conferências e convenções? Ora, temos até dias para jejum humilhação! Tudo porque reconhecemos a necessidade de tais instituições, e contudo estamos longe de considerar-nos debaixo do julgo, embora estejamos obedecendo simples ordenações humanas! Por que não reconhecer então os tempos do Altíssimo instituídos para o mesmo propósito, para não dizer melhores fins, e ter satisfação ainda maior ao obedecer esses mandamentos de um modo espiritual? Não temos necessidade de observá-los como as cerimônias da antiga dispensação, mas como também observamos atualmente o sábado do quarto mandamento.

No sábado ofereciam-se sacrifícios em dobro e praticavam-se cerimônias em conformidade com a natureza daquela dispensação. Quando, porém, estas cerimônias e sacrifícios atingiram seu objetivo com a morte de Cristo, deixaram de ser praticados, ficando de pé o sábado do Senhor, pois o ministério do sacerdócio, ao qual diziam respeito tais práticas, deixou de existir, bem como o santuário no qual era exercido.

O sábado não deixou de existir, pois temos aqui “o sábado dos sábados”, como é assim chamado o dia da expiação no idioma hebraico: *Shabbath shabbathon* que quer dizer: o principal dos sábados ou o repouso do seu repouso. Imponentes cerimônias e sacrifícios eram praticados nesse dia, porém tudo isso desapareceu, uma vez atingido o seu cumprimento com a morte de Cristo o que não aconteceu com o dia da expiação, o maior dos sábados no qual essas cerimônias eram praticadas. A lei desse grande sábado anual continua inalterada, como o do sábado semanal, até que as coisas que a ele se referem tenham sido plenamente realizadas. Não temos nenhuma lei nova referente ao ministério do nosso Sumo Sacerdote na presente dispensação.

O juramento feito a Jesus “*serás sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque*”, tornou-se como nova lei para ter o direito a esse sacerdócio, que foi tomado aos descendentes de Aarão e dado a Jesus, mas não uma lei com novas disposições para o exercício de Seu sacerdócio, que deixam ao abandono a lei já estabelecida sem o seu correspondente cumprimento.

Diremos que nada mais temos que ver com a Lei de Moisés? De quem recebeu Moisés essa lei? Acaso não foi de Deus? Temos a lei do dízimo, a lei do matrimônio, a lei dos animais impuros, a lei de higiene, a lei civil, além de bons ensinamentos da chamada lei de Moisés. Será lícito afirmar que nada temos a ver com elas simplesmente por figurarem nessa lei? Quem foi o homem Moisés? Negaremos o profeta de Deus para fugir de nossa responsabilidade? Deus nos livre de tal culpa!

Pergunta-se onde havia estado essa lei durante todo o tempo passado. Estaria ela sem efeito até o presente? Diremos que ela esteve calada sob um selo com a visão de Daniel

¹¹³ “O décimo dia do sétimo mês, o grande dia da expiação, tempo da purificação do santuário, que no ano de 1844 caía no dia vinte e dois de outubro, foi considerado como o tempo da vinda do Senhor”. (WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 22: Profecias Alentadoras ou Profecias Cumpridas – Casa Publicadora Brasileira, 2020 – pág. 400 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/391/408/profecias-alentadoras>)

8:14.¹¹⁴ Porém, chegando o tempo em que se deveria dela falar, nossa atenção foi chamada para ela pelo profeta Malaquias como foi dito antes. (Mal. 4:4)¹¹⁵

Começou a lei então a entrar em conformidade com a visão de modo que ambas, visão e lei, continuam a entrosar-se e a chamar cada vez mais alto, como o som de uma trombeta, até o dia em que farão tremer os moradores de Sião pela negligência e indiferença que lhes têm prestado.

O povo de Deus agiu bem em procurar no presente tempo realizar reuniões solenes e abençoadas por meio de conferências, dias determinados de jejum e semanas de oração. Estamos de inteiro acordo com tal procedimento porquanto estas coisas não visam substituir os tempos determinados do Altíssimo, como por exemplo, o domingo acabou por substituir o sábado.

Nada impede que Deus abençoe os seus fiéis, levando em conta sua sinceridade, porém cumpre-lhes fazer o possível em reconhecer o tempo determinado por Deus para receber a chuva serôdia, a fim de que a busquem e supliquem em seu tempo próprio, e recebam a plenitude do Espírito Santo, habilitando-se assim a fazer a obra de Deus na terra antes de chagar o dia final.

Qual é esse tempo? Onde se acha ele revelado? Considerando o tempo da bênção final que o Israel antigo costumava receber como povo típico, o encontramos nos dez dias que vão do primeiro até o décimo dia do sétimo mês (Lev. 23:32)¹¹⁶ isto é, do dia das trombetas até o dia da expiação ou do juízo, tempo do refrigério pela presença do Senhor. Este é o tempo particular, o tempo da prova que está iminente, apresentado de um modo mais definido e claro. É a palavra de Deus que o define e o determina e não o homem.

A igreja primitiva obedeceu à palavra de Jesus, aguardando o Espírito Santo durante dez dias, desde o dia da ascensão do Mestre até o dia de pentecostes, que foi o tempo determinado para a chuva temporã. A igreja guardou esse dia de acordo com a lei de Moisés, mais que cinquenta dias depois da morte de Cristo, provando-se fiel ao cumprimento dessa lei e nesse mesmo dia o Espírito Santo desceu sobre os discípulos sob a forma de línguas de fogo. Assim deverá ser com a última igreja.

Devemos nos reunir exclusivamente para esse fim e esperar dez dias desde o dia das trombetas até o décimo dia do sétimo mês (calendário bíblico) buscando, esperando e suplicando ansiosamente a promessa conforme manda o Senhor. (Zac. 10:1)¹¹⁷. Se esse tempo for observado de um modo espiritual e de conformidade com a lei de Moisés, na parte que ainda não deixou de vigorar, a mesma experiência que ocorreu à igreja primitiva há de se repetir, e de modo mais completo nesse mesmo dia da expiação.

Chegamos a estas conclusões pelas razões a seguir:

1) Assim como a igreja apostólica esperou dez dias, que foi o tempo definido e determinado para que ela recebesse as bênçãos na chuva temporã, devemos também seguir seu exemplo de mãe virtuosa e, como o resto de sua semente, reconhecer o nosso tempo

¹¹⁴ Op Cit.

¹¹⁵ Malaquias 4:4: “Lembrai-vos da Lei de Moisés, meu servo, a qual lhe prescrevi em Horebe para todo o Israel, a saber estatutos e juízos”.

¹¹⁶ Op. Cit.

¹¹⁷ Op Cit.

definido para esse fim, buscando e recebendo nele a chuva serôdia; essa comparação da semente com a mãe é lógica e coerente;

As semelhanças se entrosam particularmente nos seguintes pontos:

- a) A disposição deste plano, de esperar dez dias, deverá ser executado em tempo próprio;
- b) Em relação ao resultado esperado, que deve encontrar a expectativa, posto que diferindo o último do primeiro, pois este se tratava da iniciação da sementeira do evangelho em poder e, aquele, da finalização da obra em amadurecimento da seara. Ambos são necessários neste tempo do fim.

Na antiga dispensação, o povo costumava ter a atenção despertada para a aproximação deste dia importante por meio do som de trombetas, que eram tocadas pelos sacerdotes no primeiro dia do sétimo mês, para que o povo se preparasse para a chegada do dia da expiação com todo o cuidado e sobriedade.

A importância do dia das trombetas se revela pela sua relação com o dia da expiação, como precursor desse dia, no qual terminava todo o serviço religioso do ano, recebendo o povo sua grande e última bênção espiritual. Dava-se isso depois dos seus pecados terem sido levados para fora do arraial pelo bode emissário de forma simbólica.

Nisto se revela seu destino porque a importância para o povo de Deus durante estes dias de confessar seus pecados com profundo arrependimento, e feito seus exercícios espirituais, a chuva serôdia virá mesmo assim em seu tempo determinado, após dez dias de expectativa, embora os pecados dos crentes vivos só sejam cancelados no último dia da prova, quando será realizada a última parte da expiação.

2) Porque este é o único tempo, próprio e solene, cuja santificação é presentemente observada pela lei de Moisés como parte dela, que não deixou e nem deixará de vigorar, antes de seu final cumprimento, que ainda está no futuro. Assim, não há outro tempo determinado que tenha relação com a obra final de nosso Sumo Sacerdote no céu, nem na terra, além desse tempo sagrado que começa por um dia notável e termina por um dia mais sagrado ainda, fixado na profecia, na lei e na história. Tudo isto descobrimos neste tempo do fim, em que deve ter lugar a chuva serôdia.

Observado esse tempo como ordena a lei e o exemplo da igreja primitiva, que o observou e experimentou, confirmará ser este o tempo próprio para tal fim, assim como foi o dia de pentecostes para a primeira igreja apostólica.

Aliás, onde na Bíblia, encontramos outra ordem de dias estabelecidos, formando o “pivot” do tempo do fim, com sua formação tão claramente definida como esse que acima tratamos?

3) Porque vimos que o dia do juízo ou da expiação é o tempo do refrigério ou das bênçãos finais, consequentes à remoção dos pecados do povo de Deus bem como o seu cancelamento dos livros do céu, no dia designado, como isto é particularmente demonstrado pela conjunção adverbial “quando”, na passagem citada em Atos 2:19¹¹⁸.

¹¹⁸ Op. Cit.

Se observarmos a expressão “*tempo*” aqui aplicada, ao tempo do refrigerio, verificamos que ela abrange mais de um dia determinado de vinte e quatro horas, como também afirma Ellen White, estamos de pleno acordo, porque esse dia se repete a fim de provar a fidelidade do povo de Deus.

Daí, vemos que no fundo não há contradição alguma, principalmente atendendo-se a que o recebimento e a renovação repetida de bênção da mesma fonte, a qualquer tempo, depois de uma vez derramada nesse dia, se fazem honra, honestidade e fidelidade à lei divina por parte do povo de Deus.

4) Porque observando esse dia de acordo com o espírito da lei, está o cumprimento das condições para receber o Espírito Santo. Devemos, crentes, neste dia, humilhar-nos com jejum, arrependimento sincero e profundo, confissão de pecados e abster-nos de toda a obra servil, olhando para Jesus nosso Sumo Sacerdote, e buscar o perdão dos pecados, cuidando, nesse dia tão somente, de receber esta última bênção que é o Espírito Santo, depois da preparação de dez dias como nos foi designado.

5) Porque o Israel típico recebia nesse dia, de seu sumo sacerdote, a maior das bênçãos depois de completado o último serviço religioso, com todas as condições de perdão e aceitação diante de Deus.

Assim será também com o Israel antitípico em relação ao seu Sumo Sacerdote. Cristo, antes de tratar os casos dos vivos entre o seu povo no juízo, derramará sobre este a maior das bênçãos na chuva serôdia.

A chuva serôdia não é uma mera influência do Espírito Santo, nem do colírio celeste, que é a unção do Espírito, posto que este esteja incluído na mesma dádiva. Não se trata também de alguma orientação por parte de anjos ou da mesma chuva sob a sua forma temporã, mas sim da plenitude do Espírito ou das últimas bênçãos espirituais que o povo de Deus tem a receber antes da transformação de seus corpos, de um modo distinto do que sucedeu no dia de Pentecostes, como sinal de um grande fenômeno espiritual e sobrenatural. (Joel 2:28-32; Atos 2:2-5 e 17-21)^{119 120 121}

Uma parte desta profecia cumpriu-se na chuva temporã, mas seu cumprimento final e completo ainda é um acontecimento futuro.

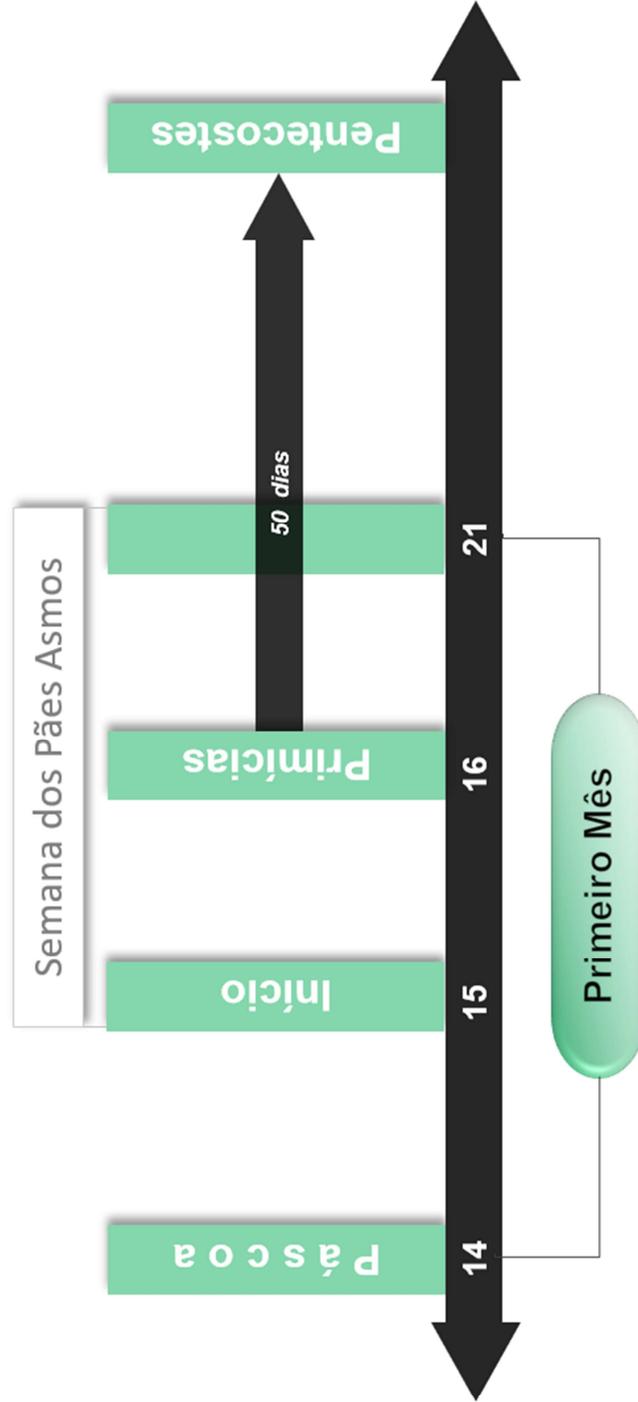
¹¹⁹ Op. cit.

¹²⁰ Atos 2:2-5: “De repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu”.

¹²¹ Atos 2:17-21: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”.

TIPOS DO PRIMEIRO ADVENTO

Festas da Primavera – Levítico 23



Referências Bíblicas: Páscoa – Lev. 23:5; Primícias – Lev. 23:11; Pentecostes – Lev. 23:16

CAPÍTULO IX

OBJEÇÕES REFUTADAS

A passagem em Heb. 9:12¹²² é frequentemente citada para refutar que a obra de Jesus no juízo de investigação tem lugar apenas uma vez ao ano, no dia da expiação. Cristo tendo como Sumo Sacerdote dos bens já realizados... *“Não pelo sangue de bodes e bezerras, mas pelo Seu próprio sangue entrou uma vez para sempre no santo lugar, havendo obtido uma redenção eterna”*. Com isso pretendem dizer que Jesus entrou no santíssimo uma só vez por ocasião de 1844.

Todavia, esquecem, os que assim argumentam, que Paulo, no seu tempo, anunciou estas palavras com relação ao passado, a um fato já consumado! Ele não diz que Jesus entrará e sim que entrou. Para nós, a data de 1844 já está no passado, mas para Paulo, se a ela estivesse se referindo, estaria no futuro. Esse *“uma vez”* ao qual alude o texto, refere-se à entrada de Jesus no santuário logo após a Sua ressurreição. Nessa ocasião Ele subiu ao Pai levando o cativo e o cativo, com o qual Ele mesmo representava as primícias da ressurreição dentre os mortos. Sugerimos ao leitor que acompanhe a leitura em João 20:17, comparando com Mateus 28:9 e 27:52 e 53, e Efésios 4:8.

Nos escritos de Ellen White há algumas passagens difíceis de se compreender em conexão com este assunto, que transcrevemos a seguir: *“Oremos fervorosamente e com o coração contrito porque agora, ao tempo da chuva serôdia, caiam sobre nós os aguaceiros de Sua graça. A cada reunião que assistimos, nossas orações deviam elevar-se a Deus, para que nesse mesmo tempo ele comunique calor e humildade às nossas almas”*.

“As convocações da igreja nas reuniões campais, as assembleias das igrejas locais e toda a ocasião em que se fazem esforços em prol de almas, são oportunidades designadas por Deus para receber a chuva temporã e a serôdia”.¹²³

A boa compreensão destas passagens ocorre quando consideramos os seguintes fatos:

- a) a luz sobre este assunto não foi dada no tempo de Ellen White pelas razões anteriormente citadas. Porém, ela profetizou acerca de luz nova, *“de luz adicional”* que deveria ser revelada de acordo com velhas verdades, que se haviam de ser recuperadas em conexão com o tempo para o derramamento da chuva serôdia;
- b) ela, nessas passagens, se refere ao nosso tempo de um modo geral e indeterminado, como sendo o tempo da chuva serôdia. Cumpre não esquecermos de que há um tempo

¹²² Hebreus 9:12: “Não por meio de sangue de bodes e de bezerras, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção”.

¹²³ WHITE, Ellen G. – Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos – Capítulo 70: Orai Pela Chuva Serôdia – Casa Publicadora Brasileira – 2020, pág. 508 e 509 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/48/506/512/orai-pela-chuva-serodia>

periódico ou uma época para a chuva serôdia, e um tempo definido no qual devemos pedir a mesma. Há também o tempo determinado do fim no qual o mesmo terá lugar. Daniel 8:17 e 19; diz: *“e veio perto donde eu estava; e vindo ele, fiquei assombrado, e cai sobre meu rosto; mas ele me disse: entende, filho do homem, porque esta visão se realizará no fim do tempo. E disse: eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; porque ela se exercerá no determinado tempo do fim”*. (Daniel 11:27, 35 e 40). Suplicando todos os dias, em todas as reuniões e ocasiões, o povo de Deus pode receber alguma bênção que pode assemelhar-se ao que o povo de Israel costumava receber em tais ocasiões, seja individual ou coletivamente, porém, não significa isto dizer propriamente que se refere ao que foi tipificado pela bênção comunicada pelo sumo sacerdote no dia particular da expiação.

O que podemos compreender do texto acima é que há uma diferença entre o tempo ou a época da chuva serôdia e o tempo definido no qual ela deve ser suplicada e recebida pela primeira vez. Assim como há uma diferença entre o tempo do fim e o tempo determinado do fim, também há uma diferença entre o tempo figurado no período em que se observa o dia da expiação na antiga dispensação, e o dia mesmo da expiação, posto que um abranja o outro.

Todas estas investigações têm por fim trazer ao nosso conhecimento o perdido dia da expiação a fim de recolocá-lo no quadro da verdade, porque temos a época ou o tempo periódico da dispensação típica, que equivale ao tempo periódico da dispensação atual, que vai de 1844 até o fim, não se perdendo o dia da expiação na dispensação atual voltando a cada ano. Por que deveria ele perder-se no presente tempo, se a sua finalidade real ainda não foi atingida? Não há razão para tal;

- c) devemos observar que Ellen White na primeira passagem supra citada, não diz que o povo em tais ocasiões recebe a chuva serôdia ou a plenitude do Espírito Santo, mas sim que podem descer sobre nós aguaceiras de sua graça e que Deus pode comunicar às nossas almas calor e humildade. Amém! Podemos receber o Espírito em boa medida, mas como chuva temporã somente porque é necessário até o fim da provação e por que foi derramada no início da era Cristã no seu dia próprio. Desde então estamos na época da chuva temporã.

Ela pode ser derramada em qualquer tempo, embora não com manifestações completas como no Dia de Pentecostes. Tudo isto é possível, porém, não na chuva serôdia, nem na temporã e serôdia juntas, porque o profeta diz que elas serão derramadas no primeiro mês, quer dizer, no tempo próprio da chuva serôdia (Joel 2:23)¹²⁴. Devemos reconhecer a diferença entre a chuva temporã e a serôdia ou entre a temporã e a serôdia juntas, porque serão derramadas conjuntamente ao tempo da chuva serôdia, cabendo-nos discernir o tempo particular de cada chuva e o tempo periódico de ambas.

Na chuva serôdia, o Espírito Santo será derramado primeiro no dia determinado, de um modo sobrenatural; depois poderá cair sobre qualquer congregação que a buscar sincera

¹²⁴ Op. Cit.

e honestamente, em qualquer ocasião, como ocorreu em Pentecostes. Isto ocorrerá desde que seja cumprida a condição de ser observado o tempo próprio revelado, que tem relação com a última obra da graça, visto que sua observância é obrigatória até o fim do julgamento e da provação dos homens.

Cumpra acrescentar que ninguém receberá a chuva serôdia com todos os seus efeitos na obra final no assinalamento do povo de Deus, sem primeiro haver recebido a chuva temporã, porque a finalidade da chuva serôdia é amadurecer os frutos e selar os salvos.¹²⁵

Podemos acrescentar ainda que ambas as chuvas descerão juntas no tempo determinado da chuva serôdia para realizar o propósito de Deus sobre a terra. (Joel 2:23)

A última passagem acima citada pode ser perfeitamente compreendida, quando a promessa se realizar em nossa experiência. Então compreenderemos ao certo que ela tem aplicação ao tempo que sucede ao derramamento do Espírito Santo, na chuva temporã e serôdia no dia da expiação. Depois disto ela poderá ser recebida em qualquer das ocasiões mencionadas por Ellen White na referida passagem.

Há ainda outras passagens citadas por Ellen White, onde ela diz: “*Não nos compete saber o tempo definido quer do derramamento do Espírito Santo, quer da vinda de Cristo*”.¹²⁶ Nessa passagem, ela confessa tacitamente que há um tempo definido para o derramamento do Espírito Santo. Se há um tempo definido para esse derramamento, ele não pode dar-se em todo e qualquer tempo, de acordo com o comentário de outras personalidades das mesmas passagens mencionadas, antes dos escritos de Ellen White. Por uma errônea compreensão dessas passagens, tais pessoas que as comentam e que não admitem um tempo definido, fazem com que a serva do Senhor se contradiga a si própria, quando na realidade não há contradição alguma em suas afirmações.

Interpretando a passagem supra, observemos a primeira parte, que diz “*Não nos compete saber*” – De certo o que não foi revelado, mas que estava selado assim como para Daniel estava selada a visão que não podia ser compreendida até o tempo presente. Porém, quando isto for revelado, compete a nós reconhecê-lo. A segunda parte diz: “*tempo definido*” – este tempo diz respeito à chuva serôdia e quando sua data for dada a conhecer, não devemos fechar os olhos para estas revelações. Ora, não podemos dizer que o Espírito Santo há de descer este ano, ou no ano seguinte, porque isto depende da determinação da parte de Deus, do último dia que se repete anualmente, no ano que será o tempo do refrigério.

Não somente quanto ao tempo, mas também quanto à condição de seu povo, pois este tem que corresponder com Sua determinação como ocorreu com a igreja primitiva no Dia de Pentecostes. Por este motivo, devemos ser cômnicos e reconhecer os tempos santificados que se repetem a cada ano, conduzindo-nos de conformidade com a palavra de Deus porque em qualquer ano terá lugar a chuva serôdia.

Outra passagem citada com o mesmo propósito é a seguinte: “*Não devemos estabelecer um tempo para o Senhor cumprir a Sua palavra em relação à Sua vinda ou com relação a qualquer outra promessa do Espírito Santo na chuva serôdia se acha concluída aqui*”. Quanto a esta questão diremos que está no poder do homem estabelecer o tempo para a descida do Espírito Santo? Não, mas isto não quer dizer que nada temos de saber a

¹²⁵ WHITE, Ellen G.- Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos – Capítulo 70: Orai Pela Chuva Serôdia – Casa Publicadora Brasileira, 2020 – pág. 506 e 507 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/48/506/512/orai-pela-chuva-serodia>

¹²⁶ “We are not know the definite time either for the outpouring of the Holy Spirit or for the coming of Christ”. (Review and Herald, 22 de março de 1892, parte 7 - <https://m.egwwritings.org/pt/book/821.11800#11811>).

respeito do tempo, porque ela mesma admite a existência de um tempo definido para esse fim. Aliás, como o povo pode ser exortado a pedir para si a chuva serôdia no tempo (Zac.10:1)¹²⁷, se ele nada pode saber acerca deste tempo? Isto seria um absurdo!

Deus não fará coisa alguma sem revelar seu segredo aos seus servos. (Amós 3:7)¹²⁸. Graças a Deus por ter nos revelado Seu segredo!

Se Ele determinou um tempo, nós devemos reconhecê-lo, mas não estabelecê-lo, pois pessoas que compreendem mal as coisas fazendo a elas uma aplicação errônea, acabam por acusar outras daquilo que elas próprias fazem.

Haverá quem alegue o que Ellen White observou sobre Atos 15:24, comentando o que diz o apóstolo Pedro, que aí se refere à lei cerimonial que foi anulada e tornada sem efeito pela crucifixão de Cristo. Mais ainda, *“O Espírito Santo viu que houve por bem não impor a lei cerimonial aos convertidos dentre os gentios, e o parecer dos apóstolos a este propósito concordava com o do Espírito Santo”*.¹²⁹

Daí muitos concluem que nada mais temos a ver com as três solenidades de outono, reputando-as como da mesma natureza que as cerimônias nelas praticadas. Não se compenetraram da realidade quanto ao propósito da sua instituição. Consideram-na somente como servindo ao plano da salvação sob o sacerdócio da Aarão, com referência exclusiva à morte de Cristo, quando tal não é o caso, como já foi mostrado.

As cerimônias se destinam a servir ao plano de salvação sob o sacerdócio de Cristo, em conexão com a Sua volta e o derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia. Eis aqui algumas outras declarações de Ellen White mostrando-nos qual parte da lei de Moisés ficou sem efeito na cruz: *“O sistema cerimonial compunha-se de símbolos que apontavam para Cristo, para Seu sacrifício e para Seu sacerdócio. Esta lei ritual com seus sacrifícios e ordenanças deveriam ser praticadas pelos hebreus até que ela realizasse seu antítipo em Cristo, o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, pois desta forma todas as ofertas e sacrifícios deviam cessar. Sacrifícios e leis que Cristo tirou do meio, encravando-os na cruz. (Col. 2:14)*^{130 131}

“Na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares”. No ano 31 da nossa era, três anos e meio depois de Seu batismo, nosso Senhor foi crucificado. Com o grande sacrifício oferecido sobre o Calvário, terminou aquele sistema cerimonial de ofertas, que durante quatro mil anos haviam apontado para o Cordeiro de Deus. O tipo alcançou o antítipo, e todos os sacrifícios e ofertas daquele sistema cerimonial deveriam cessar”.¹³²

Eles, os crentes judeus, foram *“muito tardios em discernir que todas as ofertas sacrificais não tinham senão prefigurado a morte do Filho de Deus, em que o tipo encontrou o antítipo, depois do que os ritos e cerimônia da dispensação mosaica não mais deviam perdurar”*.¹³³

¹²⁷ Op. Cit.

¹²⁸ Amós 3:7: “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”.

¹²⁹ WHITE, Ellen G. – Atos dos Apóstolos – Capítulo 19: Judeus e Gentios – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 194 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/5/188/200/judeus-e-gentios>

¹³⁰ Op Cit.

¹³¹ WHITE, Ellen G. – Patriarcas de Profetas – Capítulo 32: A Lei e os Concertos – Casa Publicadora Brasileira, 2020 – pág. 365 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/2/363/373/a-lei-e-os-concertos>

¹³² WHITE, Ellen G. – Capítulo 18: Uma Profecia Muito Significativa – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 327 e 328 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/317/342/uma-profecia-muito-significativa>

¹³³ WHITE, Ellen G. – Atos dos Apóstolos – Capítulo 19: Judeus e Gentios – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 189 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/5/188/200/judeus-e-gentios>

A partir dessas citações concluímos que a lei cerimonial, que consistia em sacrifícios bem como seu ministério, tornaram-se inválidos pela cruz, porque tinha uma só finalidade que era prefigurar a morte de Cristo. Porém, se os dias santificados foram instituídos para outro fim, não estão incluídos nestas declarações, porque o significado da lei e sua instituição vão além do Calvário. Elas são sombra das coisas que ainda estão no futuro, de acontecimentos que ainda não se cumpriram completamente no passado.

Tais solenidades se relacionam com Jesus, ora ocupado com o juízo de investigação, o derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia e a preparação para o Seu segundo advento, o que não podemos confundir com as cerimônias e sacrifícios que eram nelas praticados, como sendo participantes da mesma natureza. Também não podemos confundir as cerimônias e sacrifícios que eram praticados aos sábados, com a instituição do sábado. Tampouco nos é permitido confundir estes dias santificados com aqueles que serviram ao plano de redenção somente sob o sacerdócio de Aarão, embora fossem sombras das coisas futuras.

Algumas pessoas violam o texto sagrado servindo-se das passagens em Gál. 4:10-11¹³⁴ e Col. 2:16¹³⁵, além de outras, a fim de combaterem a presente verdade, assim como as demais denominações as usam para combater o sábado do Senhor, esquecendo-se que o tratado pelo apóstolo Paulo nestas conexões era a salvação pela fé. Isto motivara o fato dos Gálatas e outros haverem sido afetados pela doutrina de judeus que pregavam a salvação pelas obras da lei. Sugerimos ao caro leitor a leitura de At. 15 e Gal. 3 e 4.

Esses judeus entendiam que se devia guardar a lei e os tempos nela prescritos como condição de salvação, quando na verdade os verdadeiros crentes guardam a lei pelo fato de haverem sido salvos pela fé em Jesus Cristo, olhando para Ele de modo especial nesse dia, como Aquele que se acha ocupado em Sua obra final a favor deles, acompanhando-O até lá.

Entretanto estas referências que já foram cumpridas, a ninguém é dado o direito de julgar os crentes por qualquer motivo que seja, senão o Espírito de Deus segundo a consciência individual de cada um como se observa em Rom. 14:4 e 5¹³⁶. Esta questão vai além de nosso assunto, visto que estamos considerando aqui uma parte da lei que não deixou de vigorar, por estar o seu cumprimento ainda no futuro, testificando ela, com a outra parte da lei, de nossa salvação pela fé, por meio da qual a lei é estabelecida e não anulada. Rom. 3:31.¹³⁷

Em Gal. 4:8-11, concluímos que a referência do décimo versículo é para os rudimentos pobres e fracos, que são iguais às festas e estações de tempo que os gentios costumavam guardar em homenagem aos falsos deuses ou, por exemplo, alguma coisa semelhante a natal e ano novo de agora, entre outras festas romanas.

Estes gálatas ficaram confusos com a doutrina dos judeus recém conversos, que pensaram em guardar tais estações de tempo a fim de serem salvos pelas suas obras, conforme o que eles compreenderam das referências da lei naquele tempo, especialmente da parte que foi cumprida, onde cessou. Ambos não deliberaram que em fazendo isto, perderiam a única condição de salvação, que é pela fé, pois misturam a fé verdadeira como cristãos, com a

¹³⁴ Gálatas 4:10 e 11: “Guardai dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós tenha eu trabalho em vão para convosco”.

¹³⁵ Colossenses 2:16: “Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados”.

¹³⁶ Romanos 14: 4 e 5: “Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster. Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tem a opinião bem definida em sua própria mente”.

¹³⁷ Romanos 3:31: “Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei”.

doutrina semipagã e a falsa religião, para escravizarem-se novamente com costumes e princípios pobres, bem como com mesquinhos rudimentos religiosos pelo qual mereciam a repreensão de apóstolo.

O texto mencionado não se referia às três solenidades do outono as quais Deus mandou que fossem observadas até que toda a lei fosse cumprida no seu tempo, dando fim ao plano de salvação em relação a elas no fim da prova; porque são rudimentos fundamentais do santuário celestial, sólidos e firmes pertencendo ao Seu ministério; são eles dos tempos do Altíssimo que o romanismo queria mudar como fez com o sábado. Dan. 7:25¹³⁸

¹³⁸ Daniel 7:25: “Proferirá palavras contra o Altíssimo, magoará os santos do Altíssimo e cuidará de mudar os tempos e a lei; e os santos lhe serão entregues nas mãos, por um tempo, dois tempos e metade de um tempo”.

CAPÍTULO X

EM BUSCA DA VERDADE

Em Col. 2:16 e 17 temos porventura a mais difícil passagem de ser compreendida em conexão com o nosso assunto. *“Ninguém, pois, vos julgue por causa da comida e bebida, ou de dia de festa, ou lua nova, ou sábados, porque tudo isso tem sido sombra das coisas vindouras porque o corpo é de Cristo”*. Consideremos esta passagem que serviu de selo para encobrir parte dessa lei no passado até o presente tempo. Temos que compreender o seu verdadeiro sentido à luz de Deus, que nos vem do santuário.

Ao considerarmos que as três festas de outono se acham compreendidas nessa passagem num sentido específico, de modo a negar sua aplicação em referência à cruz sob o sacerdócio de Aarão, estamos certos, porque é assim. Porém, se o fizermos num sentido geral, de modo a negarmos em absoluto a observância do conteúdo do texto, especialmente no que se refere aos sábados e festas anuais de outono, erramos, desconhecendo o seu lugar e benefícios no plano da salvação sob o sacerdócio de Jesus em relação a seu povo na terra, visto que este não recebeu ainda sua benção final em seu caráter antitípico, pois essas festas não atingiram ainda seu cumprimento definitivo. Elas têm uma aplicação dupla no sentido de que ainda não se acham realizadas como antítipo.

Se considerarmos tais festas da maneira como são compreendidas pela maioria, fazemos a Bíblia contradizer-se, porque dizemos que o crente pode comer e beber tudo o que quiser. Entendem que podemos comer carne de porco, ratos, cães e toda as espécies de animais impuros, tomar álcool e outras coisas usadas pelo mundo. Ora, tal interpretação está equivocada, porque estas coisas são condenadas pela palavra de Deus em outras passagens, tais como se encontram na lei de Moisés e nos profetas. É esta a conclusão que chegamos ao buscarmos entender o texto. Entretanto, o texto se refere à comida e bebida que se ligavam aos sacrifícios. Isto é verdade, mas que diremos da lua nova, por exemplo, pela qual se computava o tempo de acordo com a lei da natureza estabelecida por Deus, e adaptada na Bíblia como único meio de fixar o calendário legislativo? Diremos, talvez, que temos o calendário moderno, mais generalizado, e que não faz diferença se adaptarmos esta ou aquela, contanto que não percamos o dia de sábado, embora o mundo inteiro esteja discutindo para mudá-lo. Esquecem que um é pagão e o outro é de origem Divina. Lembremos, também, que a lua nova será, na nova terra, a base única do verdadeiro calendário (Isa. 66:23)¹³⁹ e que o inimigo faz a mudança não só da lei, como também dos tempos do Altíssimo (Dan.7:25)¹⁴⁰ para que o homem perca de vista os sábados e os tempos santificados de Deus? Temos agora que considerar duas palavras de nosso texto:

“Festas e sábados declarados sombras das coisas vindouras” – Se considerarmos também esta parte do texto no sentido negativo, havemos de chegar às mesmas conclusões. Porém, se

¹³⁹ Isaías 66:23: “E será que, de uma Festa da Lua Nova a outra e de um sábado a outro, virá toda carne adorar perante mim, diz o Senhor”.

¹⁴⁰ Op. Cit.

dissermos que não temos mais o dever de guardar sábados e festas, temos o direito de comer e beber de tudo sem restrição alguma. É aqui que muitos ficam confusos e tropeçam, desrespeitando a reforma de saúde assumida por este povo segundo Ellen White e como está na Bíblia. Se dissermos que estamos livres dessa confusão em razão das coisas ilícitas estarem proibidas em outras partes da Bíblia, e confirmadas pelo espírito de profecia, diremos que isto é verdade. Se nosso texto se refere ao sábado da expiação e as festas das quais temos tratado, diremos ainda: foi proibido sob ameaça de extirpação do meio do povo de Deus fazer neles qualquer obra. (Lev. 23:23-39; 16:29-31). Foram eles igualmente confirmados pelo espírito de profecia. (Patriarcas e Profetas pág. 540). Nós poderíamos separar a última parte desse texto da primeira, direito que naturalmente não nos assiste, e dizer que os sábados e festas mencionados são sombras das coisas vindouras, com as quais nada mais temos que ver.

Pela mesma razão de serem estas festas consideradas “sombras” que devemos guardá-las, pois a sombra não pode cessar antes de ser atingido seu cumprimento.

Perguntamos: Esta sombra está atingindo seu objetivo de ano em ano até o fim? Respondemos que ela está agora chegando ao ponto culminante de sua importância. Notem o que o apóstolo Paulo não diz que são sombra das coisas vindouras e que por isso deixaram de existir ou vigorar, mas diz apenas que são sombras. Ele escreveu esta epístola, muitos anos depois da morte de Cristo e, contudo, diz que são sombras de coisas futuras.

Em todo caso devemos entender essa passagem no sentido que de nós, cristãos, não devemos dar o direito de nos julgarem a respeito destas coisas porque é questão pessoal, de consciência. O direito de julgar pertence ao Espírito Santo, que atua sobre nossa consciência em seu tempo, a fim de descobrirmos o significado exato, pois “*é o Espírito que penetra todas as coisas até mesmo as profundezas de Deus. Porém o homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém*”. (I Cor. 2:10 e 15)

Rogo a Deus que nos revele pelo Seu Espírito, nossa culpa em transgredir Seus mandamentos no tocante a estes tempos santificados, mostrando-nos que sem arrependimento pelos pecados não podemos receber a chuva serôdia.

É por este motivo que ao anjo da igreja de Laodicéia dirige à advertência de arrependimento (Apoc. 3:14-17)¹⁴¹. O selo desta parte da lei está sendo agora removido e estamos sem desculpa. Podemos observar agora que espécie de sombra representam estas festas e sábados, e compreenderemos que eles não são uma sombra da cruz, porque as sombras que se referiam à cruz deixaram de existir com o Seu ministério; estamos agora olhando para as coisas importantes estão para acontecer com relação a esta sombra em virtude do ministério de Jesus, nosso sumo sacerdote, no santuário celestial.

Há pessoas que se socorrem de outras passagem dos escritos de Ellen White para, por meio de deduções errôneas e interpretações forçadas, desacreditarem da verdade presente. Seria melhor que tais pessoas em vez de se empenharem em descobrir um meio de fugir a esta luz, porque é muito forte para os seus olhos doentios, buscassem o remédio para serem curados, e nos mostrassem o tempo definido para o recebimento da chuva serôdia, se tiverem descoberto algum outro mais próprio do que este, pois, desejamos obedecer aos

¹⁴¹ Apocalipse 3:14-17: “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade que nosso Senhor, como igualmente o nosso irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles. Vós, pois, amados, prevenidos como estais de antemão, acautelai-vos; não suceda que, arrastados pelo erro desses insubordinados, descaiais da vossa própria firmeza”.

mandamentos do Senhor e experimentar o resultado (Zac. 10:1), porque “*qualquer dia*” não pode ser o tempo próprio definido, tampouco um período indefinido pode ser o tempo determinado do fim.

Se tais pessoas deixarem de buscar a verdade, será melhor humilharem-se conosco e, com a consciência livre a reconhecerem, o que somente poderá realizar-se por meio da influência e da unção do Espírito Santo. Se depois de tudo isto nos faltar compreensão destas coisas continuando a acusar a serva de Deus de oposição a esta verdade, estaremos em perigo de sermos privados de nossa vista espiritual (Apoc. 3:17)¹⁴². Se esta é a nossa condição de cegueira, devemos aceitar prontamente o conselho da fiel testemunha, buscando obter o colírio para que possamos ver, e a mente de Cristo para discernirmos as coisas espirituais comparando-as cuidadosamente, a fim de deduzir delas o verdadeiro sentido, como tem sido feito no presente estudo. Sugerimos ao caro leitor que leia Apoc. 3:14-20 e I Cor. 2:14-16.

Devemos olhar para Jesus, para que a luz do céu e sua virtude sanadora possam penetrar, nos conduzindo ao reconhecimento da nossa condição perigosa e buscar uma saída deste estado de satisfação própria e de ameaçadora mornidão.

¹⁴² Op. Cit.

CAPITULO XI

AS FESTAS DO OUTONO EM NOSSOS DIAS

As festas de outono, conforme já dissemos, são: trombetas, expiação e tabernáculos. Tais festas não foram instituídas por Deus somente sob o sacerdócio de Aarão, mas para servirem ao plano de salvação da humanidade sob o sacerdócio de Jesus, porque as práticas religiosas nesses dias não se referiram somente ao sacrifício da cruz, mas aos resultados desse sacrifício no futuro.

As festas de outono se referiam ao julgamento da casa de Deus ao tempo do refrigério e à última parte da expiação, na qual o diabo é feito responsável pelos pecados do povo penitente de Deus, que crê no sangue de Cristo.

Assim como o dia das trombetas se destinava a advertir o povo da aproximação do último dia do serviço religioso mais importante, ele também é um símbolo dos sete trovões que tornarão a falar anunciando o último dia da graça, em que o povo de Deus sobre a terra, será julgado ao sair o último decreto com o qual a porta da graça se fechará para sempre.

Virá então o tempo de ser recolhido o povo de Deus de toda a superfície da terra, ao tempo da ceifa, simbolizado na festa dos tabernáculos, que ocorre após o Dia da Expição.

Por esta razão devemos observar estas festas, que são como um tipo sob o sacerdócio de Aarão que já está no passado, como uma lei estabelecida também para Israel antitípico sob o sacerdócio de Jesus até o cumprimento de seu objetivo no plano de salvação; o que significa que a lei não passará até que tudo se cumpra.

Para nossa inteira certeza, vejamos o que disse Ellen White em relação a estas festas de outono em conexão com o nosso assunto, e vemos que ela está de acordo com nosso ponto de vista, embora não possuísse uma luz clara sobre o mesmo, pelas razões que apresentadas no início desse estudo. (Patriarcas e Profetas – Pág. 540 até o fim do capítulo)¹⁴³.

Ellen White também fala da relação entre a festa dos tabernáculos e o dia da expiação. Diz: *“Essa festa devia ser principalmente uma ocasião de regozijo. Ocorreria ela logo depois do grande dia da expiação quando lhes havia sido dada a certeza de que os seus pecados não seriam lembrados jamais. Em paz com Deus, vinham à Sua presença a fim de reconhecerem-Lhe a bondade e louvá-Lo por Sua misericórdia”*. E continua: *“Bem faria o povo de Deus em celebrar uma festa dos tabernáculos no presente tempo”*.¹⁴⁴

Por que não dizer que o povo de Deus deve celebrar no presente tempo a festa dos tabernáculos, se na Bíblia ela é uma festa alusiva ao futuro e reconhecida igualmente como típica por Ellen White? Sugerimos ao caro leitor a leitura de Lev. 23:33-41 e Zac. 14:16-19.

No último parágrafo da página 541 do livro Patriarcas e Profetas, Ellen White explica sua relação com o tempo da ceifa. Diz: *“A festa dos tabernáculos era não só comemorativa, como também típica. Ela não só aponta ao passado, mas como a festa da colheita dos frutos.*

¹⁴³ WHITE, Ellen G. – Patriarcas e Profetas – Capítulo 52: As Festas Anuais – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 540-542 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/2/537/542/as-festas-anuais>

¹⁴⁴ Op. cit. Ref. 143

Ela celebrava a colheita dos frutos da terra e apontava para o grande dia da colheita final, quando o Senhor há de enviar os Seus ceifeiros a fim de reunir o joio em feixes para o fogo e recolher o trigo aos celeiros de Deus”.

Esse tipo não pode cessar até que se realize o seu antítipo e deve ser observado sob o fundamento do Dia da Expição, porque, referindo-se a ele, continua: *“Eles (os filhos de Israel) se regozijavam nessa festa pela consciência que tinham do seu perdão e aceitação, graças ao serviço da expiação. Mas quando os remidos do Senhor forem recolhidos salvos nas moradas celestes, livres para sempre da servidão do pecado, eles se regozijarão com um gozo inexprimível e cheio de glória. A grande obra da expiação de Cristo estará terminada, e seus pecados extintos para sempre...”*

O que podemos observar destas referências é que o Dia da Expição, bem como a Festa dos Tabernáculos, ainda não atingiram o propósito de sua instituição, porque são tipos de acontecimentos futuros, os quais apontam não somente para a cruz. Devem, pois, ser observados como interdependentes, e de um modo que corresponda à presente dispensação e ao sacerdócio de Jesus, até que se cumpram no tempo e data próprios.¹⁴⁵

Se temos o desejo de saber porque a festa dos tabernáculos tem de ambos os lados um dia que deve ser santificado, devemos nos lembrar de que para o recolhimento do povo de Deus, ao tempo da ceifa, há duas ressurreições: uma parcial e outra geral, que é a ressurreição dos justos ou primeira ressurreição. (Dan. 12:2; Apoc. 20:4-5; Luc. 14:14)^{146 147 148}

Se cremos nisto, podemos prová-lo através da obediência ao mandamento do Senhor, guardando estas festas! Que gozo imenso será para o povo de Deus a Festa dos Tabernáculos depois do derramamento do Espírito Santo na chuva serôdia, no Dia da Expição! Esse dia deverá encontrá-los em santa convocação, afligindo suas almas, confessando seus pecados, olhando para Jesus Seu sumo sacerdote, aceitando pela fé a justiça em perfeita harmonia entre si e com os princípios de Deus.

Por este motivo Jesus descera sobre Sua igreja pela segunda vez em toda a Sua plenitude, e toda a carne receberá Sua última visitação.

¹⁴⁵ “De igual maneira, os tipos que se referem ao segundo advento devem cumprir-se ao tempo designado no culto simbólico. No cerimonial mosaico, a purificação do Santuário, ou o grande dia da expiação, ocorria no décimo dia do sétimo mês judaico (Lev.16:29-34), dia em que o sumo sacerdote, tendo feito expiação por todo o Israel, e assim removidos seus pecados do santuário, saía e abençoava o povo. Assim acreditava-se que Cristo, nosso Sumo Sacerdote, apareceria para purificar a Terra pela destruição do pecado e pecadores e glorificar com a imortalidade a Seu povo expectante. O décimo dia do sétimo mês, o grande dia da expiação, tempo da purificação do santuário, que no ano de 1844 caía no dia vinte e dois de outubro, foi considerado como o tempo da vinda do Senhor. Isso estava de acordo com as provas já apresentadas, de que os 2300 dias terminariam no outono, e a conclusão parecia irresistível”. (WHITE, Ellen G. – O Grande Conflito – Capítulo 22: Profecias Cumpridas – Casa Publicadora Brasileira, 2020, pág. 399 e 400 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/1/391/408/profecias-alentadoras>)

¹⁴⁶ Daniel 12:2: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e horror eterno”.

¹⁴⁷ Apocalipse 20:4 e 5: “Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na frente e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta a primeira ressurreição”.

¹⁴⁸ Lucas 14:14: “E serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos”.

Tipos do Segundo Advento

FESTAS DO OUTONO



Referências Bíblicas:

Trombetas – Lev. 23:24

Expição – Lev. 23:27-32

Tabernáculos – Lev. 23:34-36 e 39-43

CAPÍTULO XII

A CHUVA SERÔDIA: CONCLUSÃO DA OBRA

É possível, ver agora, a nova luz adicional brilhando diante de seus olhos? Podem observar como o quadro ficou preenchido com as antigas verdades recuperadas e colocadas onde figuraram antes e como todas elas se relacionam harmoniosamente, compondo uma coroa para a mensagem do advento?

Louvado seja Deus por Sua bondade para conosco e pela revelação da presente verdade que enche todo o coração sincero de gozo e satisfação! A Deus seja dada toda a glória; louvado seja o Seu Santo nome!

A igreja remanescente poderá experimentá-lo, devendo submeter-se a todas essas experiências e esperar os seus dez dias no tempo próprio do ano, a fim de ver os resultados maravilhosos por tanto tempo esperados. Clamo ao Deus vivo, na agonia de minha alma, esperançado em que ela fará pelo menos um resto de sua semente, porque a presente verdade lhe está destinada, e a promessa pertence a nós e nossos filhos, para que levemos a última mensagem de graça ao seu definitivo triunfo e então Jesus virá.

Este acontecimento se dará da maneira indicada nas escrituras sagradas para tal fim, e esta deve ser então a mensagem definitiva do servo fiel de Mateus 24:25¹⁴⁹.

Querem aceitá-la? Ah! Nem todos os que ouviram esta mensagem de tremer arrependeram-se do seu pecado e da transgressão à lei de Moisés, o servo do Deus vivo. Tais pessoas jamais receberão a promessa e serão extirpadas do meio de Seu povo, porque não andaram na luz desta lei a fim de discernirem o tempo aceitável.¹⁵⁰

A transgressão da Lei de Moisés e suas consequências, comparam-se à parábola das virgens, que não se supriram de azeite em tempo próprio, pois entenderam que depois do legítimo clamor da meia-noite ainda tinham tempo para se preparar. Por isso continuaram às escuras, assim como continuarão aqueles que rejeitam a luz desta lei, ao atender suas próprias ideias, buscando aos que com eles fazem negócio por meio da religião de Cristo, pensando erroneamente que o dia do término da graça ainda está longe, e tudo isso porque recusaram tomar a lei de Deus escrita por Moisés como seu guia e bússola, sendo deixados do lado de fora a bater, ouvindo a desoladora resposta: “*Não vos conheço*”. (Mat. 25:12).

Porém, aqueles que despertarem do sono para seguir a luz, não serão surpreendidos por aquele dia, pois se acham prevenidos, caminhando na luz como filhos do dia e filhos da luz. Esta mensagem ser-lhes-á um alimento e nela se regozijarão buscando a chuva no tempo definido da chuva serôdia, pelo que a receberão abundantemente. Para que todos sejam regularmente abençoados, estando espalhados por todo o mundo, a oportunidade se repete uma vez a cada ano pela graça de Deus, a fim de provar a fidelidade de todos.

¹⁴⁹ Mateus 24:25: “Vede que vo-lo tenho predito”.

¹⁵⁰ WHITE, Ellen G. – Primeiros Escritos – Capítulo 11: O Fim dos 2300 Dias – Casa Publicadora Brasileira, 2020 – pág. 55 - <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/27/54/55/o-fim-dos-2.300-dias>

Os que se aperceberem deste fato durante o tempo no ano, mostram-se prontos a obedecer a lei de Moisés com relação a este tempo santificado e hão de receber a promessa buscando o Senhor, especialmente junto àqueles que a receberam a seu tempo próprio, antes de terminar a graça. Todavia, isto continuará por pouco tempo, porque aqueles que afligiram suas almas com jejum, confessando seus pecados, humilhando-se diante de Deus e abstando-se nesse dia de toda a obra servil, receberão a bênção da promessa da parte de Jesus nosso Sumo Sacerdote, pois entraram pela fé no santíssimo lugar a seu tempo!

Assim, eles vêm a Jesus pleiteando Sua causa de onde envia o Seu Espírito Santo, que procede da presença do Pai, com toda a autoridade de sua posição suprema, à esquerda do trono da Majestade! Então, Ele chamará todas as Suas hostes celestes para fazerem a última e poderosa invasão da terra descendo como um vento forte na chuva serôdia, com a aparência de línguas de fogo que pairarão sobre os fiéis. Todos aqueles que forem encontrados nesse tempo em atitude de expectativa serão possuídos por esses espíritos celestes, e ficarão cheios de poder e vida do Espírito Santo.

Que cena maravilhosa haverá no céu e que manifestação gloriosa na terra! Então profecia de Joel estará definitivamente cumprida e as visões de Ellen White realizadas em nossa experiência.

Todos os dons do Espírito serão distribuídos e manifestados (I Cor. 5:7)¹⁵¹ entre o povo de Deus, para o Seu ministério em favor de outros, a fim de completar a obra de Deus na terra.

Deste modo, a terceira mensagem angélica obterá o seu triunfo final, o campo estará preparado para a ceifa e os crentes verdadeiros para encontrarem o Salvador em glória. Estes serão os únicos a ouvirem o toque das trombetas no primeiro dia do sétimo mês, e que hão de preparar-se para o dia do juízo e do refrigério. Eles ouvirão a voz dos sete trovões, porque se encontrarão em santa convocação nesse mesmo dia das trombetas.

Essas trombetas são os tipos dos sete trovões, mediante os quais Deus falará de novo desde o céu, revelando ao Seu povo, dez dias antes, o dia final da prova, bem como o dia e a hora da volta de Cristo. Essas vozes serão reconhecidas e compreendidas pelos fiéis, enquanto que outros pensam que é um ruído de trovão.

Finalmente, os fiéis obedientes hão de estar cheios do Espírito Santo diante dos gloriosos resultados de suas obras, e prontos para a transladação, tendo o nome de Deus impresso em suas testas em caracteres perfeitos. Estes são aqueles que cantarão com grande regozijo o cântico de Moisés e do Cordeiro, que é o cântico da eterna salvação, porque se acham salvos no reino de Deus, felizes, cheios de gozo e júbilo da glória.

Que o Senhor use conosco Sua infinita misericórdia, porquanto ainda é tempo de aceitar o último convite a fim de que possamos nos encontrar juntamente com os fiéis na glória eterna. Amém.

Espero que estudeis esta mensagem com a meditação e paciência dos santos antes de formar qualquer ideia a seu respeito.

¹⁵¹ I Coríntios 5:7: “Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado”.

APÊNDICE

O escrito de dívida de Colossenses 2:14 que era contra nós, mostrando nossa culpa e sentença para a morte pelos sacrifícios e ofertas com suas ordenanças, e a questão de comer e beber em relação a elas, é que foi pregado e cancelado na cruz e não o sétimo dia da semana nem o décimo dia do sétimo mês que é o dia de expiação e juízo, no qual tais coisas foram servidas como nos outros dias por causa da natureza daquela dispensação.

Este dia não era a razão de existir do sistema sacrificial com as suas ordenanças, porque os sacrifícios para expiar os pecados existiam antes dele, mas sim o plano de Deus que designou o dia para mostrar, por intermédio dele, como se deve banir o pecado e salvar a humanidade do seu domínio e penalidade.

Assim como os sacrifícios e ordenanças vieram sem este dia, poderão terminar sem ele. O plano de Deus continuará a sua marcha a fim de que nele seja cumprido o desígnio salvador. Tal dia foi especificado e determinado para a expiação e juízo, não somente no ministério típico de Aarão, mas também no real ministério de Jesus no santuário celestial, porque enquanto a expiação e juízo ainda existem no ministério verdadeiro, o dia deve existir para o mesmo fim que, como já vimos, teve início ao final das 2300 tardes e manhãs, no ano de 1844, e continua uma vez por ano através de um ministério eficaz a fim de terminar esta obra gloriosa.

Não podemos tomar como um só dia todo o período desde 1844 até a vinda de Cristo ou até o fim do milênio, chamando-o dia da expiação ou juízo, porque tal raciocínio não corresponde ao destino que tinha o dia dez do sétimo mês, como dia designado para este fim assim como veio se desenrolando uma vez por ano durante 1500 anos do ministério típico.

Quando Ellen White disse que o juízo está agora passando no santuário celestial, ela estava falando num sentido geral, referindo-se ao presente tempo do juízo, que começou em 1844 – no mesmo dia da expiação – até o fim, sem especificação alguma, justamente como ela diz: “Nós estamos no grande dia da expiação”, significando que estamos no período ou no tempo antitípico que foi tipificado pelo período de 1500 anos no qual o dia da expiação caía uma vez por ano. A palavra “dia” na Bíblia que significa somente tempo ou qualquer tempo sem alguma especificação em relação a alguma data ou fato acontecido, não tem nada que ver com a palavra “dia” determinado ou especificado pela lei, quando diz desde uma a outra tarde. Lev. 23:32.

Um fato conhecido é que um ano faz um tempo completo. O ministério sacerdotal de um ciclo anual era um ministério completo dado e exercido com sistema completo de estatutos, mandamentos e festas fixas, que deveriam declarar e servir para completar o plano da salvação até o fim, representando-o em todas as suas fases no decorrer do tempo típico, terminando o ajuntamento do fruto do campo, que é o povo de Deus e o ajuntamento dos ímpios e sua destruição no tempo da ceifa.

O dia dez do sétimo mês instituído e determinado para a expiação dos pecados e para juízo nas ocasiões apropriadas, é reconhecido pelos judeus e adventistas, até agora. Assim, foi usado anualmente no mesmo plano durante o período de 1500 anos pelo qual o ministério típico foi realizado. E quando o serviço sacrificial que era usado nele como também no sábado, e nos outros dias da semana, foi terminado encontrando seu objetivo na cruz, ambos os sábados ficaram firmes, porque foram estabelecidos com fins distintos, pois o dia dez do

sétimo mês é para expiação e julgamento no santuário celestial como está designado para Jesus fazê-lo no ministério antitípico.

Ellen White mencionou que “*Jesus entrou para o santíssimo para julgar e fazer expiação para seus filhos*”. Quer dizer que onde há expiação e julgamento há também o dia marcado para o mesmo, e assim será até terminarem os serviços a favor do povo de Deus quando em algum ano, no futuro, no mesmo dia, será o fechamento da porta da graça.

Após isto, outro movimento será declarado para tomar o seu lugar lá no céu para o julgamento dos ímpios, assim como foi declarado o julgamento da casa de Deus em 1844 no mesmo dia, e assim acontecerá nele no princípio do milênio para os ímpios porque não há outro dia no ano designado para o juízo a não ser o dia dez do sétimo mês. Assim será até que tudo tenha terminado porque a ordem e obediência lá no céu, são para todo o tempo da eternidade. Podemos ver se o julgamento dos ímpios terá lugar durante o milênio como não há dúvida a respeito (Apoc. 2:4; Dan. 7:22; I Cor. 6:2) não quer dizer em cada dia durante todo este período, porque há uma e outra ocupação durante este tempo para os santos do Altíssimo. Se não haverá expiação durante este período, não fará diferença alguma quando um julgamento que lhe pertence ainda existe até o fim do milênio.

Meditando no que diz o livro Patriarcas e Profetas nas páginas 540-542, temos de compreender os escritos de Ellen White de acordo com a palavra de Deus, quando do uso das três festas anuais de outono não são para ser restringidas pelo ministério de Aarão, porque o plano estava para completar-se para além daquela época. Quando a Bíblia afirma que o dia dez do sétimo mês apontado duma tarde até outra tarde para expiação e juízo, deverá ser sempre assim, conforme o que a lei determina.

Quando Ellen White falou contra a marcação de algum tempo, ela referia-se ao erro do povo de Deus em 1844, que marcou o décimo dia do sétimo mês para a vinda do Salvador, não compreendendo o acontecimento verdadeiro daquela data. No que escrevo agora, não há marcação de dia nem de ano para Sua vinda, mas há alguma coisa com referência ao último dia da graça, no qual a provação humana terminará e a porta da graça se fechará. É verdade que não podemos marcar algum ano na história, nem podemos dizer agora que o conhecemos, porque não sabemos em que dia ou ano cairá. Se declaramos que o dia da graça será conhecido dez dias antes, é porque Deus não fará coisa alguma sem revelar o Seu segredo para os Seus servos (Amós 3:7). Dependemos do somido das trombetas no primeiro dia do sétimo mês para avisar o povo da chegada do dia da expiação; dez dias antes correspondem ao fato (Lev. 23:24) repetido em outra figura e o que os sete trovões falarão para dar mais luz sobre esta verdade no tempo próprio. (Apoc. 10)

O anjo Gabriel que não deu resposta certa e satisfatória para Daniel em seus dias sobre este assunto, agora bradou aqui como leão, fazendo com que os sete trovões fizessem soar suas vozes ecoando a mesma mensagem. Muito vividamente impressionado com ela, levantou a sua voz e declarou (ainda com reserva) o tempo que Deus irá cumprir Seu ministério no fim da provação quando o sétimo anjo tocar a trombeta. Então os sete trovões não falarão do dia da vinda de Cristo, que ninguém sabe, mas sobre o dia do cumprimento do ministério de Deus, o qual o profeta Daniel se preocupava muito para saber, o fim do mistério da iniquidade, que se cumprirá no último dia da graça que é o último dia da expiação e do juízo investigativo.

Os sete trovões falaram e falarão, porque são seres inteligentes, sábios e que percorrem toda a terra. São os sete espíritos representados pelo castiçal de sete lâmpadas, que foi posto no santuário terrestre perante Deus. (Exo. 40:24,25; Zac. 4:2,10; Apoc. 10:3,4;

Apoc. 8:2; Apoc. 4:5; Apoc. 5:6) Eles sabem e João sabia porque ia escrever o que ouviu e os sábios no tempo do fim entenderão. (Dan. 12:10)

As sete trovoadas são figuradas pelo somido das trombetas tocadas no primeiro dia do sétimo mês para advertir o povo que o dia de expiação que representa o último dia da graça chegará no décimo dia do mesmo mês, porque esta é a única aplicação religiosa e espiritual para o uso do dia das trombetas. Assim, estes sete anjos que falaram como trovões, irão anunciar no primeiro dia do sétimo mês que seu trabalho terminará dentro de dez dias.

Os que não sabem coisa alguma do último dia da graça, são os ímpios, porque nenhum deles entenderá, pois não dão atenção à admoestação do profeta, (Mal. 4:4) e não guardaram a parte da lei que pertence ao ministério antitípico de nosso sumo sacerdote. Eles perceberão seu erro tarde demais, depois que terminar o tempo da graça, e procurarão a palavra de Deus e nunca a encontrarão. (Amós 8:11,12)

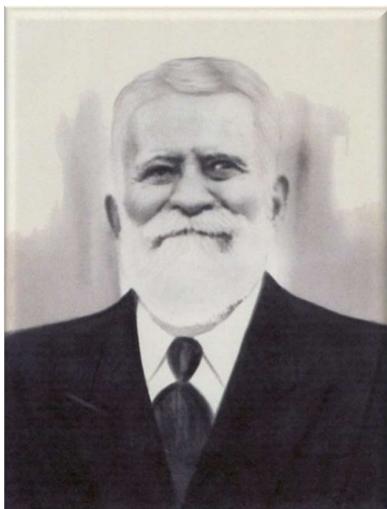
Embora os sábios fiéis ainda vivam, não poderão pregar a palavra para suprir-lhes a falta porque eles sabem que o tempo da graça já passou e não se deixarão de atentar para segurar diante deles uma esperança perdida. Quando Ellen White disse que “homens serão achados plantando e edificando, comendo e bebendo – referindo-se ao último dia da graça, que é o da expiação – todos inconscientes de que a decisão final e irrevogável já foi pronunciada no santuário” (O Grande Conflito – página 491) – ela referia-se aos ímpios e não para os justos que serão achados guardando o dia, jejuando e orando em comunhão com Deus, pelo Espírito revelador.

Se alguém está a confundir o dia do fim da graça com o dia da vinda do Salvador, deve ser advertido para meditar bem em passagens como Mat. 24:36-42, que estão exclusivamente referindo-se a segunda vinda e não ao fim da graça, porque neste não haverá arrebatamento para o céu. Contudo, aquele dia não virá sobre os justos repentinamente, mas sobre os ímpios (I Tess. 5:2-6), e virá sobre eles imperceptível e como ladrão de noite (Apoc. 3:3; Mat. 24:50,51) ou como laço (Luc. 21:34-36). Será sobre os indiferentes que não oram com fervor e não vigiam sobriamente sendo classificados como servos infieis. Deus nos guarde de tal perigo.

Vosso servo,

Elias Thomé Zorub, 1938.

O AUTOR



Elias Thomé Zorub, nasceu em Alma al Chaab, Sul do Líbano, em 1867. Foi como estudante para o Instituto Presbiteriano em Beirute, formando-se em Teologia e atuando como professor de árabe, religião e pastor nessa denominação. Casou-se com Martha Haddad com quem teve oito filhos. Certo sábado, apareceram em sua casa dois missionários Adventistas do Sétimo Dia que lhe pregaram sobre a observância do quarto mandamento e marcaram uma hora para o sábado seguinte para estudarem a bíblia. No dia e hora combinados ali estavam os dois missionários, quando Elias Zorub, ao recebê-los, noticiava que já estava observando aquele sábado, tornando-se o primeiro árabe Adventista do Sétimo Dia no mundo.

Como era pastor presbiteriano, informou aos líderes que não poderia permanecer como presbítero naquela denominação tendo em vista as verdades que acabara de aceitar. Como instassem para que ele permanecesse, aceitou. Porém, como começou a pregar sobre as doutrinas referentes ao sábado e a reforma alimentar, não foi possível prosseguir naquele ministério.

Homem de personalidade austera, dedicado à leitura, à oratória e aos estudos, imigrou temporariamente para os Estados Unidos da América onde concluiu seu curso de adaptação em Teologia no *Emmanuel College*, atual *Andrews University* no Estado de Michigan e, ao retornar para o Líbano como obreiro, em 1903, pregou a verdade sobre o sábado em Beirute e em várias cidades do interior do país, acompanhado pelo colportor John Harry Krum, missionário adventista que servia na Palestina naquela época. O fato de Elias Zorub haver imprimido algumas literaturas adaptando a mensagem adventista para a cultura e costumes locais, aparentou ao colportor que estaria idealizando um ministério independente, ação interrompida com a chegada de Walter K. Ising, da Alemanha, que entendeu que a contextualização aplicada por Elias Zorub para pregação no evangelho naquela localidade não estava de acordo com os conceitos de desenvolvimento da obra.¹⁵²

Após a vinda de seu irmão Jorge para o Brasil, também imigrou para este país com a família em 1911, residindo primeiramente na cidade de Porto Feliz, interior de São Paulo, onde foi construída a primeira capela Adventista do Sétimo Dia do Estado de São Paulo. Finalmente, Elias Zorub mudou para a Capital, no bairro de Santo Amaro, por estar próximo ao Colégio Adventista Brasileiro (CAB), atual Universidade Adventista de São Paulo – UNASP Campus I, a fim de que ali pudesse dar aulas como professor e que os filhos pudessem concluir os estudos superiores, primeiramente em Teologia e, após, a opção profissional que fizessem. Dos oito filhos, formou sete pastores e obreiras.

Dedicado à oração, teve um vasto ministério de libertação e algumas visões a partir do ano de 1890, sendo a mais importante delas sobre a conclusão da obra de Cristo no santuário celestial em conexão com o derramamento do Espírito Santo na Chuva Serôdia e o

¹⁵² NAZIRIAN, Manoug H., - *The Seventh-Day Adventist Church in Lebanon 1897-1997* – Middle East University. Published by The East Mediterranean Field of Seventh-day Adventists, 1999, Beirut, Lebanon, pág. 12.

fechamento da porta da graça. Concluídos os estudos, não teve êxito em conseguir a publicação da obra. Não compreendido à época, continuou instruindo seus filhos e netos a permanecerem fieis, alegando ser a igreja Adventista do Sétimo Dia a última igreja, segundo o livro de Apocalipse.

Com idade avançada, preocupou-se sobre o modo como a mensagem seria trazida à tona, e pediu a Deus em oração que mostrasse a ele a fim de que pudesse descansar em paz. Em resposta, foi levado em visão para uma sala sem luz, onde tentava colocar a lâmpada no soquete, porém, sua média estatura não permitia que fosse alcançado. À sua volta não via a forma de alcançar para colocar a lâmpada, quando alguém de estatura maior, entrou na sala pelas suas costas e tirando-lhe a lâmpada da mão colocou-a no soquete iluminando toda a sala. Perguntando ao Senhor qual era o significado da visão, teve a resposta de que aquela luz que havia obtido não era para o seu tempo, pois ainda não estava na hora do povo compreender aquela verdade, mas que no futuro outros Zorubs viriam após ele e completariam a obra que recebera de Deus.

Faleceu em 1949, aos 82 anos, em São Paulo, deixando esta obra para que pudéssemos, após ele, compartilhar esta luz a todos que quiserem aceitá-la e que esperam a salvação em Jesus Cristo.

Os Organizadores